Léo, o pardo

biografia

LITERATURA PARA TODOS

Rinaldo Santos Teixeira

Léo, o pardo

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica
Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras
Cristiane Costa
Heitor Ferraz Mello
Júlio César Valladão Diniz
Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora
Antônio Torres
Heloisa Jahn
Jane Paiva
Lígia Cademartori
Magda Soares
Marcelino Freire
Milton Hatoum
Moacyr Scliar
Rubens Figueiredo

Ministério da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Léo, o pardo

biografia

Rinaldo Santos Teixeira

1ª Edição

Brasília – 2006

Título original: Léo, o pardo
Autor: Rinaldo Santos Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teixeira, Rinaldo Santos.
T266 Léo, o pardo / Rinaldo Santos Teixeira. – Brasília : Ministério da Educação, 2006.

128 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 6)

ISBN: 85-296-0048-7

1. Teixeira, Rinaldo Santos, 1973- -Autobiografia. I. Título.

CDD 920
CDU 929

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou do autor.

Índice

Apresentação	8
Prefácio	10
Santana do Jacaré	13
Campo Belo	36
São Paulo	77
Universidade de São Paulo	92
O filme	110
Entrevista com o autor	118

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso

a livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

Ministério da Educação

Prefácio

A prosa de Rinaldo tem o jeito de conversa. Parece que ele está ao nosso lado, puxando pela memória pedaços de sua vida, que vão desde a infância e adolescência, no interior de Minas Gerais, à vida adulta, em São Paulo, em meio à tentativa de fazer cinema, sonho que acalenta desde a infância.

Rinaldo parece escrever como quem fala, com a naturalidade e a espontaneidade da linguagem oral. Mas escrever assim, acreditem, não é nada fácil. Não adianta simplesmente soltar o verbo e deixá-lo cavalgar na página. Tem de saber conter o trote, sem desembestar. Segurar a atenção do leitor e, ao mesmo tempo, mostrar a beleza da paisagem, sem atropelar a ordem dos acontecimentos. Rinaldo, que aprendeu ouvindo histórias de família, sabe levar esse cavalo e embelezar nossa vida com suas palavras.

Léo, o pardo é um livro bonito, comovente e carregado de experiência de vida. O autor buscou em sua própria vida a matéria para escrever seu livro de estréia, uma autobiografia.

Assim como Léo, seu personagem, ele também sonhava, como ainda sonha, em um dia ser cineasta, fazer filmes e vê-los projetados na tela grande. O sonho nasceu quando menino, após ver Charles Chaplin interpretando o eterno *Carlitos*, com seu humor e sua poesia.

Mas o caminho para o cinema, ou para qualquer sonho, não é pequeno, principalmente quando se nasce numa família humilde, de poucas condições econômicas, num país como o nosso. Léo foi aprendendo com a vida, relembrando casos de seus antepassados escravos; enfrentando, no presente, o preconceito por ser *pardo*, como ele mesmo diz; trabalhando em vários lugares, seja no campo ou na cidade; e chegando a São Paulo, onde, depois de algum tempo, conseguiu entrar na faculdade e se formar.

É assim, com uma narração cativante e corajosa, que Rinaldo se apresenta ao leitor, desfiando histórias de sua vida que passam a ser um pouco nossas também.

Heitor Ferraz Mello

Comissão Julgadora

I Concurso Literatura para Todos

Santana do Jacaré

Dia desses, lembrei dos sonhos que tinha quando trabalhava com meu irmão, o Claudinei, na granja São Francisco, em Campo Belo, Minas Gerais. O dia todo cortando frangos: coxas, sobrecoxas, cabeças e pés de frango, e entrando naquela geladeira não sei quantos graus abaixo de zero, depois de comer uns pães de queijo, murchinhos, oferecidos pela Dona Celeste.

De noite, eu deitava e sabia que estava pegando no sono quando os frangos, pelados, vinham dançar na minha cabeça, batendo as asinhas, rebolando.

Mas meu primeiro trabalho foi em casa mesmo, junto dos meus irmãos. Meu pai era caixeiro viajante, e nossa função era encargar o fumo para cigarro de palha com ele, passando as cordas de tabaco de um rolo maior, que ficava numa gangorra de madeira, pros rolos menores, pra serem levados nas viagens.

Colocar, dispor a carga dentro de; carregar.

Meu pai, Jair do Vito, e minha mãe, Dona Preta, tiveram dez filhos, não porque

em casa não havia televisão, e até meus oito anos não tinha mesmo, mas porque, no dizer do meu pai, se ele é um homem forte e minha mãe uma mulher forte, nada mais natural, na graça de Deus, que tivessem dez filhos.

Minha avó paterna morreu aos 25 anos, deixando quatro filhos mais crescidos e meu pai, com dois anos de idade, que passou a procurá-la debaixo da cama. A vó Júlia tinha ido ajudar o vô Vito numa coivara e, voltando, com o corpo ainda quente da queimada da roça, parou num riacho pra tomar água. Água fria, acabou pegando uma constipação.

Trabalho de juntar restos ou pilhas de ramagem não atingidas pela queimada para serem incineradas a fim de limpar o terreno e adubá-lo com as cinzas.

Resfriado; gripe.

"Vocês precisam perdoar o seu pai, porque ele cresceu sem mãe e foi sendo dado de família em família, todo ano uma família nova, nunca conhecendo carinho, até ficar grande". Minha mãe sempre contava essa história quando o meu pai bebia e arrumava bagunça lá em casa, ou quando ele batia na gente. Porque minha mãe dizia: "bater, só se for na bunda", e meu pai, na hora da raiva, batia em qualquer lugar.

Já a vó Onofra, mãe da minha mãe, morreu no colo dela, de angina no coração. Mi-

nha mãe tinha 17 anos e minha avó 37. Ela deixou mais outros seis filhos. Deles, o tio Tarcísio tinha quinze e, já sendo marceneiro que nem meu vô Geraldo, fez umas réguas de corte e costura e falou pra minha mãe: "pega a máquina e aprende a costurar". Na primeira calça ela foi meio sem jeito, mediu a parte da frente, fez a parte de trás maior por causa da bunda, emendou as duas, o cliente gostou e ela passou a fazer roupa pra fora. Com uns anos, ficou a melhor da região e se 67 menos 17 é igual a 50, essa é a quantidade de tempo em que ela costura.

O primeiro trabalho do meu pai foi quando ele já morava com o vô Vito e somava oito anos de idade. Ele aprendeu a guiar boi, montava num burrinho e saía, "ôôôôôu, ôôôôôu", com a varinha na mão, embornal no pescoço e muita destreza pra boiada não desemparelhar. E ia, dia e mais dia, légua que lá vai légua, parando nas noitinhas das veredas, um olho cochilando e outro arregalado nos bichos do mato. No primeiro ordenado dele ele ganhou seis mil réis e falou pro vô: "vou comprar um canivetinho do cabo preto que nem o do Antônio Nogueira", o que custou pra ele dois mil.

Sacola de pano, couro, ou outro material, usada geralmente a tiracolo para carregar provisões, ferramentas.

O Antônio Nogueira era um senhor negro que, com muita batalha, comprou uns alqueires de terras que, com muita facilidade, o fazendão do Firmino Cambraia engoliu depois. Anos mais tarde, com esse tal Cambraia já morto, o filho dele mais moço, o Geirson Cambraia, descobriu um monte de papel amarelado numa gaveta e quase morreu de desgosto; eram os documentos de tudo quanto era terra alheia que se passava por terra dos Cambraia. Ele prometeu devolver tudo, mas morreu antes, um ano depois do pai dele. E o Antônio Nogueira, nessa época, já era motivo de caçoada na cidade, chamado de louco pelas crianças e pelos adultos que passavam e gritavam com o dedo pra cima, "Antônio Nogueira pra deputado", só pra ver o homem desterrado ficar nervoso e correr atrás deles, empunhando o canivetinho do cabo preto (igual ao que meu pai quis).

E meu pai foi tocador de gado até se casar.

Quando minha mãe e ele se casaram, ela contava 19 e o meu pai 25. Meus tios e tias, irmãos dela, já estavam crescidos e meu avô iria se casar novamente. Uma amiga fa-

lou: “oh, hoje o meu marido vai receber um companheiro de toada de boi lá em casa na hora do almoço, um vaqueiro, vai lá também, quem sabe vocês se agradam”.

A última vez que os olhinhos da minha mãe tinham brilhado ela tinha treze anos, foi num carnaval, conforme ela conta. O vô Geraldo Galdino era músico da Jazz Band Independência, tocava saxofone e nessa época recebia as partituras das marchinhas de São Paulo e do Rio de Janeiro direto pra ele, em Santana do Jacaré, interior de Minas Gerais. A vó Onofra aprontava as crianças com as fantasias que ela mesma fazia e iam todos pro ensaio da banda pra depois caírem na folia.

Foi numa terça-feira de festança, minha mãe se aparta da mãe e do pai dela e fica no meio dos foliões, quando chega um moço de uns quase vinte anos querendo palestrar com ela. Moço bonito, aprumado, mas ela achou um desaforo, o rapaz estava tonto. O coraçãozinho dela palpitou, os olhos brilharam, mas ela foi firme e retrucou: “não, eu não converso com moço embriagado”. E ela viu esse rapaz mais umas duas vezes passando na rua, montado num cavalo.

E, na janela da casinha da amiga dela, minha mãe viu esse moço de novo, ele vinha desaforado, tirou o chapéu da cabeça, arriou do cavalo e entrou na casa, e os olhinhos dela brilharam de novo, o coração palpitou outra vez, e o rapaz do carnaval, o Jair do Vito, seis anos depois, foi apresentado a ela.

Casaram.

E o resto vocês já sabem, tiveram dez filhos.

Quando eu nasci, meu avô Geraldo Galdino falou: "é branco, mas o nariz não nega a raça!"

E, na verdade, o nariz do meu pai também não nega a raça, ele é caboclo. A vó Júlia era branca, nariz chato e cabelo encrespado. O vô Vito era da pele negra de índio, cabelo liso e me passou os olhos puxados.

Casado, aí que meu pai largou de lado os gados, trabalhou em lavoura, queimou lenha pra carvão, foi ajudante de pedreiro e enfim achou melhor viajar. Primeiro ia de trem pra São Paulo e vendia palha de aço de casa em casa, mas depois passou a vender por Minas mesmo, em Cataguases, Campos Altos, Oliveira e Muzambinho, as cargas de

tabaco enrolado. E foi assim, ele viajando, vendendo fumo, e minha mãe costurando que os dez filhos foram criados.

Minha mãe só tinha a antiga quarta série. Meu pai aprendeu a assinar o nome e as quatro operações com um garoto negro, vizinho deles da roça quando meus pais e a família do menino estavam agregados numa fazenda no distrito do Bananal. Meu pai pode não ter tido facilidade com as letras, porém sabe melhor que ninguém a tabuada, faz de cabeça as multiplicações e as divisões e te diz quanto é 68 vezes 116 no tempo de um olho piscado. E nada melhor que isso pra quem vivia do negócio do tabaco e morava numa terra, ele fala, que viu tudo quanto é nome de cobre: cruzeiro, cruzeiro novo, contos de réis, réis, cruzado, cruzado novo, URV, real, esse mundo de inflação e engano de dinheiro com os zeros cortados.

Nossa bisavó Arminda, mãe do vô Geraldo, pé firme no chão desta terra, é quem falava: "gente, vamo viver nossa vida e esquecer os de cima. O tempo tá feio é coisa que eu já ouvia da boca da nossa avó Tieva, um dia escravizada. E oh, vou falar, finge

que muda, faz que vai pra frente, mas dá dois passos de volta, tal e qual burro empacado. E oh, tem mais, acaba que pra nós não muda é nada". E assim foi.

Os negócios de fumo do meu pai iam bem e as costuras da minha mãe aumentavam. De forma que eu, o sexto filho, já nasci na nossa casa própria e não em casa de aluguel e nem nas terras de nenhum fazendeiro. Com o dinheiro das calças e vestidos, minha mãe comprou o lote na Rua Cazeca, onde meu pai levantou a casa. Apesar de que, pelas minhas lembranças, não deve ter sido assim tão tranqüilo, porque o sono do meu pai era freqüentemente cortado por gritos que ele dava, de um grande desespero, talvez marcas do passado, que acordavam a casa inteira. E minha mãe nunca parava, e tem nos braços marcas das queimaduras do ferro que ela usa pra marcar os panos que costura.

Nós, os filhos, crescemos unidos. E nisso ajudou a educação que tivemos e até a disposição da nossa casa. Pelo catecismo católico um padrinho é alguém escolhido para ajudar os pais na formação da criança. E, assim, no quarto dos meninos homens, as

três camas eram compartilhadas: eu com meu padrinho Valmir, o mais velho dos irmãos; o Jairo, abaixo de mim, com o padrinho Vitor, o segundo dos filhos homens; e o Branco, abaixo do Jairo, dormia na terceira cama com o seu padrinho, o Claudinei. Pra se chegar ao quarto de duas camas das meninas mulheres tinha que passar pelo quarto dos meninos. Ali, a Maria Júlia, filha acima de mim e abaixo do Claudinei, revezava seus sonos na cama das duas madrinhas dela; Gilda, a primeira filha da família; e Rosali, a segunda filha mulher e a terceira da família, depois do Valmir.

A casa tinha também a cozinha de cimento vermelho e o fogão a lenha que servia pra cozinhar e esquentar a água que ia dar no nosso chuveiro. Na frente, havia um jardim com roseiras de todas as cores e um cômodo onde minha mãe recebia suas freguesas. E, no fundo, um depósito com os fumos do pai, ao lado dos pés de mexerica, de manga e de laranja, da jabuticabeira e da goiabeira, onde, às vezes, fazíamos um cirquinho. Sempre idéia do Valmir, o irmão mais velho, mais alto e mais desajeitado. Ele que punha um vestido da mãe e saía pela

rua gritando e dando cambalhota, "hoje tem espetáculo?" E a criançada respondia, "tem sim, senhor!" E seguia ele, que cantava e dançava, "eu tropeço e caio, eu levanto e saio, hoje tem palhaçada?" E a criançada respondia, "tem sim, senhor!" No galho do pé de manga, fazíamos nosso trapézio, jogávamos casca de arroz e serragem de madeira no chão do nosso picadeiro, fazíamos um teatrinho e cobrávamos três palitos de fósforos pela entrada, que era cercada com uma lona do pai (o cirquinho era feito quando ele viajava).

Então, tivemos alegrias e tristezas, mas aos dezesseis anos eu cheguei pra minha mãe e disse que queria muito morrer. E ela me olhou de modo seco. Minha mãe é realmente estranha, por exemplo, ela nunca chora, eu nunca vi a Dona Preta chorar. A tristeza dela se transforma em manchas roxas pelo corpo. Pra gente ela sempre aconselhava, "não chora tanto, menino, que lágrima é uma coisa que seca, quando a alma mais precisar dela, aí não desce mais". E nesse dia, eu tinha dezesseis anos e ela me disse: "se a vida não tem e nem te dá um propósito, então inventa, escolhe uma coisa

que você gosta e briga por ela. Você gosta de livros por que então não vai ser professor?" Mas daí eu disse: "cinema", e ela respondeu: "que que tem o cinema?" E eu falei de novo, "eu vou fazer cinema". Ela ajeitou a fita métrica no pescoço, riscou o tecido de acordo com o molde que vinha fazendo e com firmeza passou a tesoura. "De filho de preto que eu já tive notícia que fez cinema foi só minha prima, que quando mudou pra São Paulo foi figurante do filme *Ticotico no Fubá*". E eu repeti: "cinema, vou fazer cinema". E por causa disso eu fiquei vivo. Se eu consegui, depois vocês vão ficar sabendo.

De qualquer forma foi uma idéia maluca. Mas desde criança sei que eu era meio estranho, ao invés de jogar bola e soltar pipa, eu preferia subir em árvore ou ir visitar gente velha, como a tia Cetala e o tio Enoque, que me contavam histórias.

Ela, a tia Cetala, tinha jeito antigo, morava numa casinha de pau-a-pique e gostava do pé livre no seu chão de terra batida. A Gilda, minha irmã, dizia que ela tinha mais de cem anos e, entre uma cusparada e outra do fumo que mascava, a tia Cetala contava

que tinha vindo ao mundo na época do ventre livre. Mesmo assim ainda foi escravizada nas terras da Fazenda Serra Bonita, dos Freire. De onde vem o sobrenome Freire da família, "porque um senhor achava que gente era posse e dava o nome dele pros outros". Contava também que; ela era irmã de Enoque, Maria Júlia e Arminda, minha bisavó, e era a filha derradeira de Eva, que todos tratavam Tieva, e de Ilário, o negro fujão. E ela ria: "negros de prumo esses seus parentes, meu filho. Meus pais fugiram tentando achar as terras de Ambrósio, onde ficavam os outros pretos, meu filho, e volta e meia fugiam. E só não fugiram mais porque os Freire maldaram de mutilar a perna do seu vô Ilário, o fujão com orgulho, ele dizia. Os Freire eram gente ruim e, ainda com a lei da Isabel, o tal Gumercindo Freire sujigou sua bisavó, minha irmã, a Arminda, fez ela se deitar com ele e ele por conta disso é o pai do seu vô Geraldo. Mas minha irmã disso não falava, porque com o tempo encontrou o amor de um Galdino Adão, que cuidou do seu vô e foi pai dos outro filhos dela, de nome agora Galdino Freire: o Romeu, o Ilarinho e o Antônio".

Princesa Isabel, proclamou, em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil, depois de muitas revoltas e fugas dos negros escravizados.

Subjugar; submeter; sujeitar.

O Tio Enoque era bisavô da minha prima Sandra e minha mãe levava a gente lá na casa dele aos domingos. Ele dizia que já chegava aos cem anos porque teve que judiar de muitos irmãos de cor a mando dos Freire, mesmo depois da lei da abolição. "Mas a lei não era de 1888, tio?" Eu perguntava e ele dizia: "lei não vem a cavalo pra terra de ninguém, não, e a Isabel nunca visitou as terras que a gente tava". E ele se xingava, porque não tinha fugido igual ao pai dele, o nosso vô Ilário, tinha sido medroso, "porque negro que é negro não corre de chuva fina e quanto mais você é ruim com seus irmãos no mundo, mais tempo você vive pra pagar aqui suas maldades", e ele queria ir embora. Eu gostava muito do tio Enoque.

E eu fui o menino esquisito que gostava de ver a água suja da roupa que a minha mãe lavava descendo em redemoinho no ralo do tanque e sumindo depois de fazer aquele barulhinho chupado. Gostava de juntar inseto morto, ou então tomava sempre banho no escuro, conversando com meu mundo, e também não me separava dum anjo pela metade. A Rosali chegou de Aparecida do Norte dizendo que tinha um

presente pra mim, era o anjo. "Você tem que pendurar na cabeceira da cama". E eu o botei lá nessa mesma noite, mas acordo cedo e vejo que o anjo caiu e quebrou no meio. Fiquei com ele assim mesmo, anjo só da cintura pra cima e com o nariz esfolado. Só que eu não pendurei mais, ele passou a dormir debaixo do meu travesseiro, pra espantar os sonhos ruins.

Meu amigo Gabriel é que gostava muito de coisas de igreja, a gente fazia umas asas de papelão e colava penas de galinha, e depois pulava para ver se a gente voava; ou então ele inventava um altar e rezava missa. Tempos depois eu fiquei sabendo que ele tinha ido pro seminário, mas hoje em dia eu sei que ele está casado. E o outro amigo meu era o Lorindo, que não tinha outros amigos, nem o Gabriel gostava dele, e por causa disso não gostava de ir à escola, porque ele era bem preto, e mesmo as outras crianças que eram pretas, mas não tão pretas como ele, ficavam brincando com sua cor. E todo dia ele cantava na praça, quando os santanenses se reuniam lá pra assistir televisão, que o prefeito mandou colocar no alto de uma casinha, de frente pros bancos

da praça, porque televisão ainda era artigo que só possuía quem era muito rico. E o Lorindo cantava músicas populares, ele tinha sete anos, e eu também. Ele cantava Tião Carreiro e Pardinho, ou Tonico e Tinoco, e tocava o violão; eu ia passando o chapéu, ele ganhava muitas pratas, que a gente gastava depois com os doces da charutaria.

E em casa a vida foi levada sem muita fartura, mas com dignidade. Nossas roupas eram muito bem desenhadas e costuradas pela Dona Preta, que com arte comprava um pano que dava uma camisa pros maiores e outra pros filhos pequenos, ou então fazia uma saia pras filhas já jovens e com o retalho confeccionava um vestido pras meninas menores. Na alimentação, comíamos muitas verduras colhidas no quintal: abobrinha, chuchu, couve, alface... De verde a gente tinha fartura, mas a carne era dividida, um só pedaço pra cada um. Carne farta era quando criávamos nosso próprio porco ou nossas galinhas. Lembro de acordar com o grito desesperado do porco que tinha chegado em casa leitãozinho e agora estava no dia do abate. E, às vezes, gostava de vê-lo morrendo.

Meu pai, forte, enfiava a faca no sovaco do porco, que dava uns gritos roucos e compridos, "uiim, quuiimmm, quiiim". Depois a gente tinha chouriço, lingüiça e carne conservada nas latas de manteiga, na falta da geladeira. Gostava mais, mesmo, era quando meu pai chegava de viagem, aí era uma festa, porque ele trazia queijo de Ibiaí, o melhor de Minas, e também rapadura e fruta-do-conde. O que eu não gostava era quando passava caminhão na rua vendendo maçã muito cara; o pai comprava, mas a gente tinha que dividir, cada irmão sobrava só com metade. Eu comia a minha e jurava: "um dia eu vou ter dinheiro e vou comprar uma maçã e enfiar ela inteirinha na boca".

Com sete anos, eu tive minha primeira visão de uma morte matada. A gente viu, eu e meus irmãos, numa manhãzinha de domingo, na hora que a igreja tocava o sino pra primeira missa, um nosso vizinho morto na porta da nossa casa. Ele morreu porque se chamava José. Quem o matou foi o Cleantino, um fazendeiro que na noite anterior tinha ido a um baile e brigado com um rapaz de nome José. O fazendeiro foi em casa pra buscar a faca e cumprir a promes-

sa de que ia matá-lo. O nosso vizinho José estava saindo pro baile e a mãe dele saiu na porta gritando, "não volta tarde, José", justo na hora em que o fazendeiro Cleantino voltava com a faca e o matou. Mas eu nunca entendi isso, porque matar alguém é maldade e todo mundo sabe. Matar trocado por conta de nome igual, então, é ruindade sem conta. Que dirá de matar alguém errado e ainda abrir com ódio a barriga dele e deixá-lo jogado na calçada com as tripas de fora?

E um pouco depois eu tive conhecimento de uma morte morrida. Foi o marido da Dona Malva Cambraia, um velho fazendeiro muito branco e de nariz fininho que eu via todo dia na casa dele quando ia buscar leite lá pra casa. O que eu achei estranho é que ele morreu dormindo e eu achei isso muito curioso e passei a ter medo de dormir vivo e acordar morto.

A primeira televisão lá de casa, grande e em preto e branco, chegou em 1982. O Valmir e o Vitor é que juntaram o dinheirinho do trabalho novo deles e compraram. Toda manhã, eles recebiam uns cestos de pães, que vinham num ônibus de Campo Belo, e vendiam de casa em casa. As meni-

nas maiores, a Rosali e a Gilda, também já trabalhavam em casa de família. E em casa a Maria Júlia tomava conta da Daniela, e o Claudinei, eu e o Jairo ajudávamos no trabalho do pai.

A Rosali, minha irmã, acha que nós, os filhos mais novos, de mim pra baixo, e que nasceram em hospital, fomos educados com mais brandura pelo pai. Porque, por exemplo, quando eles, os de mim pra cima, e nascidos das mãos das parteiras, brigavam, tinham que ajoelhar no milho, um abraçado ao outro, ainda que já tivessem se desculpado, porque isso era necessário. "Os irmãos devem crescer unidos".

Tá certo, eu não me lembro de ter ajoelhado no milho, mas muitas vezes, nós, os mais novos, apanhávamos do pai e também dos irmãos mais velhos. Por exemplo, quando ela, a Rosali, no dia de sábado, depois de arrumar a casa e fazer a unha pra ir ao baile, pegava a molecada entrando dentro de casa com os pés sujos, era umas chineladas na bunda, na certa. E lembro de uma vez que eu e o Jairo tínhamos feito bagunça ou brigado, não lembro, e o pai bateu na gente com a cinta de couro, e eu soluçava

de raiva e olhei pro meu irmão do lado, era a vez dele. E ele levava as correiadas que até tentavam acertar somente na bunda, mas vazavam pras costas e pros braços. Mas o Jairo suportava tudo com os olhos fechados, a testa franzida, a boca apertada, e os olhinhos dele não soltavam nenhuma lágrima. Depois o pai saiu e nós dois juntos com a mãe sabíamos que ele iria beber. Eu mostrei as minhas pernas e os braços pro Jairo, e apontei as marcas das correiadas: "eu tenho mais vergões do que você". E ele contou as marcas do couro na minha pele, umas nove, e contou as dele, umas oito, e depois me deu um abraço forte.

O pai realmente voltou bêbado. E nessas horas eu tinha pena da minha mãe. Certa vez, ele devia estar preocupado com alguma coisa, talvez alguma dívida de algum freguês de fumo, e foi beber no bar do Antônio do Juca, e minha irmã mais velha, a Gilda, assim como todos os filhos, não gostava que ele bebesse. Daí ela me puxou pelo braço, "vamos chamar o pai no bar do Antônio". E ele, que já estava muito bêbado, disse: "já estou indo". Minha irmã insistiu, falou que ele já estava virando motivo de

riso dos companheiros do bar. E meu pai a mandou ir embora, que bar nem era lugar de moça direita. "Eu vou quando você for", mas ele repetiu que já estava indo e falou forte pra ela ir embora. Mal chegamos em casa, ele chegou atrás. Entrou no quarto e saiu com uma arma que só usava pra se proteger nas viagens. Minha mãe assustou e ele foi pro quintal, todos foram atrás, ele chorava e dizia coisas que eu não lembro, porque todos os irmãos também choravam, "larga essa arma, pai," e ele deu uns tiros pra cima, cambaleando. Nessa altura, já tinha chegado a Conceição do Zezinho, nossa vizinha muito forte de tanto lidar com trabalho de roça, e ela conseguiu tomar a arma dele. "Larga de besteira, homem, e respeita sua família". Dias depois, ela e minha mãe venderam a arma.

O negócio do fumo foi perdendo a força porque a moda agora era fumar cigarro de papel da Souza Cruz, e até meu pai já estava pitando Hollywood. E a mãe e o pai se preocuparam com o nosso futuro e resolveram mudar pra Campo Belo, porque Santana do Jacaré é uma cidade muito pequena, de somente cinco mil habitantes. Pra se ter uma

idéia, ela tem duas escolas, a dos grandes e a dos pequenos, duas igrejas, a de cima e a de baixo, a farmácia do Julinho, dois campos de futebol, o de cima e o de baixo, um cemitério, a vila Vicentina, onde ficavam os idosos, a prefeitura, a ponte, e, enfim, o rio Jacaré circulando tudo.

Antes do caminhão da mudança sair eu fui ao pé de manga e subi lá nas grimpinhas dos seus últimos galhos, depois passei por cada cômodo e olhei tudo vazio. Cheguei na janela e deixei os olhos se despedirem da Rua Cazeca. Ali, onde andei de carrinho de rolimã feito por meus irmãos, brinquei de rouba-bandeiras e queimada, dancei folia de reis e acordei cedo pra alvorada dos dias de congada, fita rosa e verde no chapéu, gingado e tocando ganzá, meu pai tocando sanfona e a mãe preparando o almoço pra receber o terno de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Ramos mais altos.

Dança de origem africana.

Campo Belo

Em Campo Belo, primeiro moramos numa casa de aluguel, onde não tinha fogão a lenha, e a família passou a ter fogão a gás e geladeira. No primeiro dia, o Jairo, que estava com seis anos, na hora do banho, levou um baita susto com o chuveiro elétrico, pegou o penico e tomou banho jogando água na cabeça. O Claudinei, meu irmão, não gostou de nada disso, porque aquela casa não tinha quintal e muito menos árvore, ficava o dia todo gritando "Campo Belo ruim, Campo Belo ruim!" E não dormia. Daí, ele voltou pra Santana e foi morar na casa do vô Geraldo até tirar a oitava série, a pedido da minha mãe.

Campo Belo tem cinqüenta mil habitantes e 132 anos, e essa casa ficava no bairro da Feira, onde estavam os fundadores da cidade, juntamente com os moradores do bairro São Benedito, no outro lado da cidade. Todos eram descendentes dos negros que formaram os quilombos de Ambrósio Rei e que há mais de duzentos anos se es-

palharam por toda Minas, na resistência contra a escravidão. Entre esses dois bairros, fica o centro, no topo de uma pequena serra, e estão lá as igrejas Nova Matriz e Velha Matriz, a prefeitura, as lojas e supermercados, os bancos, duas escolas e as casas enormes dos antigos fazendeiros, hoje falidos. No lado norte, a parte mais alta da cidade, fica um bairro nobre, de nome Antena, com uns bairros pobres do lado, e no lado sul a entrada da cidade, também com bairros pobres ladeando.

O Valmir e o Vitor foram trabalhar em supermercados e pagavam o curso noturno de técnico em contabilidade num colégio de padres. A Gilda havia se casado e mudado pra Belo Horizonte e a Rosali fazia magistério à noite no centro, depois de trabalhar lá perto, de doméstica. Eu, o Jairo e o Branco estudávamos perto de casa, na Feira, e gostávamos bastante. E a Maria Júlia estudava perto da entrada da cidade e à tarde continuava auxiliando minha mãe em casa, pra ela costurar.

Após um ano de morada em Campo Belo, fiquei sabendo que o Lorindo, meu amigo de Santana, tinha perguntado por mim

pra minha tia Vilma, antes dele ir pescar no rio Jacaré. Mas na pescaria ele escorregou do barranco e caiu no rebojo do rio, que é um redemoinho de água que leva tudo que engole pro fundo, e se fosse gente viva, já era. Só acharam o Lorindo dez dias depois, boiando nas águas do Rio Grande. Ele foi o primeiro amigo meu que morreu, e eu fui lá ao enterro, que tinha muita gente curiosa, mas que não viu nada, porque o corpo estava deformado e o caixãozinho estava lacrado. O cortejo até o cemitério, no topo do morro, foi triste, porque a Dona Mariângela estava desesperada e dizia, "vamos mais devagar", e a multidão obedecia, mas logo depois ela, transtornada, mudava de idéia e dizia, "vamos mais depressa", e o povo assim fazia.

Foi nessa época, 1983, que mudamos pro Bairro Novo. Meu pai vendeu a casa de Santana e novamente minha mãe comprou o lote, próximo ao Dom Cabral, um colégio particular dos padres holandeses que viviam na cidade, e meu pai levantou a casa. Morávamos no topo de um morro, que mais um pouco parecia que se ia chegar ao céu, mas eu e o Jairo andamos lá pra

cima e vimos fazendas de café e de bois, e, mais pra frente, descobrimos uma lagoa, uma cachoeira, uma plantação de cana e muitos passarinhos: curió, coleirinha, bicos de lacre, tesourinha, pássaro preto, canarinho e até tucano tinha nas árvores de ipê amarelo. No começo tínhamos poucos vizinhos, somente uns quatro ou cinco. Mas pra estudar, eu e meus irmãos menores tivemos que ir pro centro, na escola Cônego Ulisses.

No primeiro dia de aula, os alunos, que moravam nas casas bonitas do centro, tinham mochilas coloridas e falavam em suas redações que nas viagens de férias tinham visto o filme do ET, que tinha estreado na capital. "E numa parte as crianças seguem o ET voando nas bicicletas, no rumo do céu". O garoto que dividia a carteira comigo era o Giuliano, filho do prefeito, que se dizia namorado da Mariane, a filha da professora, branquinha do cabelo castanho claro. E ele tinha uma caneta de dez cores, e eu fiquei abobado de ver uma caneta com todas as cores do mundo juntas, era só apertar um botão verde e uma caneta verde aparecia. A professora Ana

pediu pra cada aluno novo falar de onde vinha. Na minha sala, chegado de pouco, só tinha eu. Fiquei vermelho e contei rápido, que nem matraca: "sou o Leonardo, tenho nove irmãos, sou de Santana do Jacaré", e parei porque o Giuliano tinha puxado uma risada da minha pessoa. Sentei com raiva. Dias antes, tinha descido o morro de casa correndo, tropecei, caí de boca no chão e esfolei bastante o braço, que nesse dia estava ainda perebento e cheio de pus. Tirei uma casquinha do machucado e esfreguei o braço no Giuliano. Ele gritou de nojo. E a professora perguntou: "que foi?" E eu pedi: "desculpa, professora, foi sem querer".

Num Dia das Mães, a professora Ana disse: "todas as mães amam tanto seus filhos que fazem tudo por eles, pois isso é da natureza do ser mãe. E uma mãe pobre, se tiver somente um prato de comida, deixa de comê-lo pra dá-lo a sua cria, igual alguns bichos". E depois perguntou se alguém tinha alguma música bonita pra cantar lá na frente. E eu, apesar de tímido, fui lá de novo e, olhando pro nada, cantei uma música que aprendi com a tia Vilma, irmã da minha mãe:

"Papai Noel eu sou menino rico,
tenho dinheiro que não conto nos dedos,
mas ao meu lado mora o Antonico,
que quer brincar mas não tem brinquedo.
Papai Noel como você explica
o disparate dessa gente nobre.
Você traz brinquedos pra mim que sou rico
e esquece os Antonicos,
que são meninos pobres."

Quando eu terminei e estava sentando, a Mariane, filha da professora Ana, e a Roberta, que morava num casarão perto da igreja, estavam me olhando. E a Mariane comentou: "por que você chorou enquanto você cantava?", e eu disse: "não, eu não chorava", e ela me deu um sorriso bonito de menina que eu levei feliz pra casa. E o Giuliano disse que não tinha motivo pra eu cantar uma música de Natal no Dia das Mães. E eu retruquei: "cantei porque eu gosto, uai".

À tarde, em casa, eu estava sem camisa, com os pés num tamborete, os cotovelos apoiados no joelho e um livro aberto no colo. Eu lia e olhava desconfiado pra minha mãe – cabelos encrespados apontando pro alto, grisalhos, óculos na ponta do nariz. O pé esquerdo dançando no pedal é que produzia

aquele barulhinho chato, incansável, durante o tempo que a agulha morde e depois solta o tecido que, então, era virado pelas mãos hábeis dela. De repente, a máquina de costura velha parou com aquela cantiga compassada. Minha mãe olhou pra mim e deu um sorriso de amor de mãe, pegou o óleo e jogou na corrente da máquina. "Mãe, a professora disse que toda mãe deixa de comer pra dar pro filho, se for preciso, igual alguns bichos". "Eu não dou", ela respondeu. Olhou pra mim e, vendo que eu assustei, completou: "porque eu não sou bicho". Eu deixei o livro de lado, levantei e lhe dei um beijo.

E, no outro dia, na escola, antes do recreio, eu escrevi apaixonado na madeira da carteira, Leonardo e Mariane, e o Giuliano ficou muito bravo e mostrou pra classe inteira. "Olha, Mariane, esse menino de beiço grande escreveu aqui que é seu namorado", e eu falei: "é mesmo, escrevi", e a Roberta riu e disse que eu parecia o Jeca Tatu do livro do Monteiro Lobato. A Mariane, toda diferente do dia anterior, falou: "eu, hein, menino feio, você não se enxerga, não?"

Da escola pra casa, eu nem queria papo com o Jairo, nem com o Branco, meus ir-

mãos. Mas eles sabiam meus pontos fracos e me chamaram pra ir à casa da vó Telvina, apanhar abacate pra comer com açúcar, porque o abacateiro tava cheinho. E eu contei pra eles, e depois esqueci tudo.

A vó Telvina era nossa vizinha de frente, no Bairro Novo. Ela era uma senhora cega, mãe da tia Sinhana, da tia Maria, da tia Tina e do Seu Teodoro, e tinha um abacateiro na horta. Seu Teodoro era casado, mas de vez em quando ia lá, sentar à beira do fogão à lenha pra, junto da mãe e das irmãs, contar os causos pra criançada.

A vó Telvina, magra e pequena, sentada num banco de madeira, ao lado do fogo da lenha, esquentava o corpo, e com um pente de plástico fazia uma risca no alto da cabeça que separava em dois montes os longos fios de cabelos crespos e brancos. As mãos, firmes, desembaraçavam tudo e faziam, pacientemente, duas grandes tranças, uma de cada lado. Enquanto isso, na nossa curiosidade que nunca morria, ela ia contando detalhes do tempo antigo. Do tempo da roça, antes da cegueira da catarata. A minha maior alegria era levar os lápis de cores, e ver que a vó, um pouquinho que seja, ainda

enxergava. “Que cor é essa, vó?” Eu mostrava um lápis. “Vermelho”, ela acertava, e só se confundia nas cores que não tinham muita vida.

“Assombração? Menino, ih, na roça de vez em quando aparecia. Um dia morreu tia Rita Mulata, coitada! Falava-se da tal Mulata, queria ser branca, e no esquife tava bem mais branca que antes, mais esquisita que antes. Vamo levar pra enterrar, os homens valentes falaram. Saíram caminho adentro descendo o morro do Quebra-chifre, estrada ruim que dá em Santana. Quatro homens de mão firme, cada um segurando em cada ponta, um deles canta, e as mulheres atrás vão na reza pra Ave-Maria. Dia feio, cinzento de pé de chuva, e a fumaceira de mato queimado, choveu no dia de antes e a estrada era barro só. Os homens vinham de mãos firmes, mas os pés eram de perna bamba. Escorrega um no morro e solta o esquife, o cantador assusta quando o corpo da tia Rita Mulata cai no chão, sai todo mundo correndo e deixa lá a coitada. Joaquim Camilo, meu marido, chegou bufando igual gado em casa. Mas depois ficou ressabiado e voltou pra chamar os vizinhos,

pra voltarem, pra tirarem a mulher de lá do caminho. Tiraram e enterraram. A marca do corpo ficou lá no barro uns três dias. Depois, ninguém era homem de dar as caras na encruzilhada. De casa eu ouvia os gemidos, os vizinhos falavam nuns vultos. Joaquim Camilo não acreditava. Jogava baralho na venda com os compadres e eu sozinha, com as crianças em casa. Na volta ele passou na estrada do Quebra-chifre. Desceu três passos no lugar, a cabeça tonta, que asneira, minha Santa Ifigênia. Pernadas largas, mas o corpo descrente começou a assobiar, deu uns passos mais rápidos e fez o padre nosso. 'Besteira desse povo, não existe assombração. Tia Rita já tá longe, sei lá onde'. A beira da calça tava que era puro barro, o chapéu voou da cabeça. 'Deus meu, tô com medo, creio em Deus padre, cruz credo, meu senhor Jesus'. Assobiou de lá de cima, avisando pra mim que tava chegando. Entrou sem cerimônia, e eu contei dos gemidos que tava ouvindo. 'Ê, Etelvina, é gato'. Não durmo mais aqui sozinha, tá no canto de cá, não pode ser gato, se o bichano tá na cozinha, debaixo do feixe de lenha. 'Ô mulher, deita e não aborrece'. No outro dia, Joaquim Ca-

milo acordou cedo, pegou o bule em cima da mesa, as vistas embaçaram, o gato tava lá, mais preto que branco, mais branco que preto, debaixo das lenhas. Deu nele um frio na espinha; seguiu o dia sem remoer mais nisso. De noite foi à venda, jogou baralho, pinguinha, prosa com os compadres. De novo a cabeça tonta, a perna bamba, o caminho do Quebra-chifre, assoviou alto avisando pra mim que tava chegando. Abriu a porta, e eu tava dormindo. Sentou na cama e viu do seu lado a tia Rita Mulata, primeiro preta, depois branca. 'Sai demônio, coisa ruim, deixa a tia Rita em paz'; a porta abriu sozinha e ela desapareceu."

E no dia que a vó Telvina morreu, eu tinha uns quinze anos e trabalhava no balcão da Papelaria Montesa. Pedi ao Celinho, o patrão, pra sair mais cedo, querendo ir ao enterro. "Ela é sua vó?" "Não, mas é como se fosse", eu respondi. "Então não pode ir". "Eu vou", disse, "e se quiser, pode fazer as contas, que eu já tô indo". E fui. Perdi o emprego, mas fui.

As tias Sinhana, Maria e Tina eram solteiras, mais ou menos na casa dos sessenta anos, e todos os irmãos andavam com

dificuldade. As tias e o Seu Teodoro eram crianças ainda, e moravam lá nos arredores do povoado do morro do Quebra-chifre, município de Candeias, quando uma chuva brava na madrugada levantou o teto do quarto onde eles dormiam, molhando a cama e as cobertas, e eles, sem muito socorro, pegaram reumatismo nas pernas. A tia Sinhana gostava que eu lesse pra elas a Bíblia, as histórias dos livros que eu lia e as bulas dos remédios pro reumatismo. Também fui abençoado pela vó porque eu a ajudei a pagar uma promessa pra São Benedito, que ela devia desde quando o Seu Teodoro quase que morre por causa duma tocaia que foi motivo até da mudança deles pra cidade.

O Teodoro já andava difícil por causa da doença, e tava vindo na trilha, que a vó Telvina e o Joaquim Camilo já tinham mudado de lugar pra evitar briga com a Nica Muganga e o Américo, marido dela, o Cangerê.

Brigas que vinham de muito tempo, desde quando uns ciganos tinham alugado os pastos do capoeirão pra deixar lá umas mulas, e os bichos, danados, tinham entrado nas terras do casal vizinho deles. O Te-

odoro tava vindo e a Tia Maria percebeu a tocaia. "Desvia Teodoro, que é tocaia", a tia gritou. E o Antônio, filho da Nica e do Américo, espingarda na mão: "pode atirar, pai?" E atirou, mas errou. Veio a Nica Muganga e deu com a foice nas pernas do Teodoro, fazendo ele rolar invernada abaixo. Pensaram que ele tinha morrido, mas ele tava só caído e sangrando muito perto da mina d'água. Chamaram socorro com o Juarez, o dono da fazenda do lado, que veio num Ford e levou o Teodoro pra cidade. A vó Telvina fez aí a promessa e eu cumpri com ela, de desenhar o São Benedito num pano branco pra fazer a bandeira pra festa da congada.

Pasto longo e cercado destinado ao descanso e à engorda de animais de criação ou outros fins.

E as tias, o Teodoro e a vó me aconselharam naquele dia depois da escola, eu com dez anos, comendo abacate com açúcar, porque o Jairo deu com a língua nos dentes e falou pra eles da implicância do Giuliano por causa da menina Mariane. E todo mundo conhecia minha família, a tia Sinhana falava sempre da vó Arminda, da tia Cetala e do tio Enoque, e a vó Telvina tinha lembrança dos meus antepassados, vó Tieva e vô Ilário. "Leonardo, vou te dar um conselho, cachorro de dois donos

é traiçoeiro e avança no dono que não tá com ele. Essa menina é branca, e esse rapazinho implica com você porque eles não querem mistura, e você é filho de branco com preto, mas tem que decidir, senão vira assombração que nem a tia Rita Mulata". E ela riu. "Quando você crescer, escolhe uma moça, de qualquer cor, mas que te tenha respeito e por sua família". E eu falei: "mas meu vô Vito, falam que ele era índio". E o Teodoro explicou: "os índios são os donos da terra, e desde o começo foram tratados igual nós, os pretos. Eles falam assim: ali só mora índio, e se você bota reparo, tem gente com cara de índio que não sabe que é índio, mas é, e preto, e filho de branco com preto, preto com índio, e branco mais preto e índio. Mas no fim das contas é tudo um só, e tratado do mesmo jeito. E se o menino fica no meio do caminho, fica perdido". A tia Sinhana chegou devagar no andado dela com o bule de café e deu pra vó, pras irmãs e pro irmão. E a tia Tina me falou: "gente não pode ser cobra de duas cabeças, porque cobra de duas cabeças, se você não mata e só cutuca, ela te marca, volta e te pega de tocaia". E a tia Maria fechou

a conversa, enquanto enrolava um cigarrinho de palha: "e se ela te morde, depois vai pro formigueiro, entra no buraco, a excomungada, dá três cambalhotas e a pessoa morre porque não acha cura".

E eu decidi levar o conselho pro resto da vida. Mas no dia seguinte, no recreio, me futricaram que o Giuliano estava armando turma pra me esperar depois da aula. Tinha até o mapa da emboscada pra pegar eu e meus irmãos na praça. E a gente saiu, tinha uns dez meninos, e o Jairo pegou um galho de árvore, e eu outro, o Branco ficou de fora. Dei umas bordoadas de galho em quem chegava perto e levei bastante chute, o Branco, pequenininho, de vez em quando chegava e dava umas bolsadas. E o Jairo era mais novo, mas deu bastante chute. Mas a gente ia apanhar porque era em menor número se não fosse o senhor que vendia picolé na rua e conhecia a gente ter separado a briga. E o senhor aconselhou: "junta seus amigos na rua e dá um susto neles; porque não é porque é filho de prefeito que é dono do mundo".

Esse senhor conhecia nós três porque a gente também vendia picolé Paraíso, pra Dona Zélia, à tarde. Nessa época eu já tinha

decidido parar de vender picolé porque meu pagamento ficava todo nos sorvetes que eu chupava. Mas nesse dia eu passei na Dona Zélia com o Jairo e o Branco, pegamos dois carrinhos de picolé e fomos vender perto da rodoviária, que eu sabia que era próxima do prédio onde morava o prefeito.

E não deu outra. Estava com o freguês escolhendo o sabor do sorvete, e ele falou "groselha", e o fedazunha gritou lá de cima, com os amigos dele, "não compra dele não, que ele é porco". O Jairo viu e deu um assovio, vieram o Carlos Antônio, o Denílson Croco, o Nego do Tote, o Guto, a Flaviane, o Douglas, todos trabalhadores, de engraxate, vendendo bala e picolé na rodoviária depois da aula. Todo mundo deu uma carreira atrás deles, um cercava o prédio pra eles não entrarem, o Branco ficou olhando os carrinhos de picolé e a gente conseguiu encantoá-los perto da Velha Matriz. O Giuliano chorava e o Carlos Antônio, o maior de nós, dizia: "pede desculpa pra eles", e o Giuliano, "desculpa", "diz que nunca mais vai mexer com nenhum menino pobre", "eu juro", "jura direito", "eu juro", "jura que não atazana mais nem preto, nem moreno, nem

Regonalismo mineiro. O mesmo que "filho da unha", xingamento que diz que uma pessoa nasceu do trabalho da unha do diabo, e não das mãos de Deus.

mulato, nem pardo e nem pobre". "Eu juro". E depois cada menino deu um coque na cabeça de cada um deles, e eu dei o meu com muita força.

No outro dia, a professora ficou sabendo e me xingou bastante, disse que nunca esperava isso de mim, e eu respondi: "não sou parente de barata". Peguei minha mochila na hora do recreio e chamei meus irmãos pra ir embora. Mas eu não queria voltar mais naquela escola e falei pra minha mãe me arrumar transferência. Mas tava no meio do ano, e só me transferiram de sala. Foi nessa época que publicaram no jornal da cidade uma redação minha, eu tinha lido um livro das histórias do Pedro Malazarte, da Biblioteca Municipal, e não tinha entendido quase nada, o livro era de adulto. E devia fazer, em uma semana, uma redação sobre o personagem e eu falei o que tinha entendido e inventei o resto, uma mentirada de história sobre o Malazarte, e o Conselho Regional de Ensino gostou. No final do ano, o Giuliano me deu a caneta de dez cores de presente, e eu guardo até hoje.

Personagem folclórico de contos populares.

Depois da experiência de vender picolé, eu arrumei um trabalho de levar marmita

pras minhas vizinhas (nessa época o Bairro Novo já estava crescendo, derrubaram umas árvores pra cima de casa e fizeram um loteamento, e, ali, agora, estava cheio de gente nova). Elas eram vendedoras na Casa Lêdo, a Loja do Povão. Eu chegava da escola, passava na casa da mãe delas e saía correndo até o centro com os três pratos de comida enrolados em panos de pratos. A comida chegava quente, mas de quando em vez o caldo de feijão preto vazava pelo pano branco bordado. E fiquei trabalhando assim quase um ano. No Natal, as moças disseram que iam pegar gente pra trabalhar na loja e eu passei o trabalho pro Jairo e fui pra lá, vigiar as bancas de calcinhas, meias, camisetas e chinelas Havaianas. Minha irmã Rosali também foi contratada pela Lêdo.

Mas logo vieram as aulas, eu tava na quinta série, e saí do trabalho, porque eu tinha feito um acordo comigo mesmo que pra sempre ia arrumar um trabalho, ficar um tempo só pra ajuntar uma grana e sair, pra ter tempo de ser gente. E ser gente era ter tempo pra ler, andar no mato, trepar em árvore e ouvir as histórias da vó Telvina e das tias Sinhana, Maria e Tina.

E desse jeito eu fiz.

Um dos trabalhos mais esquisitos que eu peguei foi contar eixo de carro e de caminhão pra uma empresa que ia asfaltar a Fernão Dias e as estradas que volteiam Campo Belo. Passaram na escola pra ver quem precisava, e eu fui. A molecada lá o dia todo com uma prancheta na mão e marcando desenho. Passava um carro de quatro rodas e a gente fazia um risco no desenho do carro com quatro rodas, e se passasse outro em seguida, mais outro risco, e assim também com o caminhão de três eixos e seis rodas, caminhão de oito rodas, trator, betoneira e por aí vai. Eu me atrapalhava era quando passava um monte de rodas ao mesmo tempo. E na hora do almoço levavam uma marmita quentinha pra gente. Mas, do que eu lembro, ainda bem que não sonhei com roda igual sonhei com os frangos da granja.

Rodovia BR-381, liga São Paulo a Belo Horizonte.

E quem toma o café já preto não o viu sendo torrado, depois de secar ao sol, não o viu fruta vermelha no galho, não viu a enxada capinando as ervas daninhas e a turma esquentando a comida dez horas, porque pegou o caminhão às cinco e chegou nas ruas de café às seis.

Uma vez por ano tinha trabalho na fazenda pra cima do Bairro Novo e todo mundo arranjava alvoroço. "Tem trabalho pra encher saquinho? Você vai encher saquinho?" E ia criança, jovem e pai e mãe de família. Um tomador de conta com pá e enxada aprontava a terra adubada com químicos pra mudas de pés-de-café, e a turma ia, enchia um carrinho de mão com a terra e se sentava nos canteiros, enfileirados debaixo de um teto de palha, suspensos por bambus. Enfiar a mão na terra, colocar no saquinho até a boca, bater no chão pra ficar firme e colocar tudo em uma carreira de 20 ou 30, até encher o canteiro. No sábado, ganhava quem mais canteiros preenchesse. No trabalho, a Dona Nega gritava de lá: "alguém quer bala?" E a Maria do Antônio Joana, depois de aceitar, gritava no outro canto, cuspindo: "cruz credo, nunca comi bala de espinho!" E a Dona Nega caía na risada: "é de coco, criatura". Outro falava que a Dona Maria tomava banho, se trocava e até batom passava pra assistir o Jornal Nacional, todo mundo rindo, e ela confirmando: "uai, você quer que eu passe vergonha na frente daquele homem bonito,

engravatado". E, do outro lado, a Lenir, filha do Tóin Joana, soltava, "achei!" E a Vanilde, irmã dela, "o quê?" E a Lenir, "bosta de coelho", a Zenilde, a outra irmã, mexendo na terra, "achei de novo!" e a Vanilde, "bosta de nenê novo", a Zanilde, a quarta irmã, do seu canteiro, "tornei a achar!", e a Lenir fechava, "bosta de gambá". Eu ria muito e tentava encher meus canteiros. O Eliezer, neto da Dona Nega, queria muito uma bicicleta e conseguia rir, fazer rir e encher, por dia, mil saquinhos.

Com a Tia Sinhana, a Tia Maria e a Tia Tina a gente também aprendeu a apanhar café. Coisa de menino, acompanhávamos pra aprender. No caminhão de turma, o meio-sono, indo pras fazendas. Depois, as tias ficavam na rua de café e a criançada numa rua próxima, após elas dizerem como se fazia. Botar um pano debaixo do pé de café e puxar rápido com as mãos, uma atrás da outra, os cachos vermelhos de café em fruta, que caíam dos galhos, enchiam seu pano e depois seu balaio, e no final do dia vinha o tomador de conta e marcava o trabalho na cadernetinha. Ganhava mais, no sábado, quem mais balaio de café tivesse

Caminhão usado para levar e trazer trabalhadores para colheitas e outros serviços na roça.

Estado intermediário entre a vigília e o sono.

enchido. Eu sempre ficava nas ruas de café com as tias. E, às dez, já tinha fome, se fazia uma fogueirinha, esquentava a marmita e nunca vi ninguém comer bóia fria.

Nas férias de julho, depois da colheita, era a época da cata do café. O fazendeiro consente, e o que caiu de fora do pano a turma pode catar. E as tias de novo nos levavam. Primeiro enchia uma lata de óleo com o café e depois o saco, chegava em casa e vendia pro pai, que punha pra secar, torrava e moia.

Pra se catar café não tem caminhão que leva. Quem quiser que saia com a cerração ainda molhando as gramas do caminho cheio de neblina. Três horas, o sol a pino, é a hora da volta. A turma sempre ia e voltava à frente, e as tias na toadinha delas, no mole vagar por causa das pernas torcidas. A criançada ia um pouco à frente, subia em árvore, roubava cana, depois do conselho delas: "cuidado com o gado nelore, boi branco que veio de avião da Holanda, pior ainda pra quem tiver de roupa vermelha". Um dia a gente na frente percebe que as tias nunca que vinham. Voltamos, as tias tinham parado no caminho pra recolher um feixe de

lenha e sem ver atiçaram uma caixa de marimbondo. Veio um enxame pra cima das tias, aproveitando da fragilidade das pernas enviesadas delas. Dor, febre, susto. Na nossa correria, chamamos socorro nas fazendas, e elas se safaram com vida. Na cama, corpo inchado, a tia Sinhana deu o conselho: "menino, cê gosta de leitura, vai estudar, porque trabalho pesado não arriba ninguém".

Na escola, o professor Lázaro tinha falado: "pobreza no Brasil tem cor", e isso de certa forma eu já sabia, era só dar uma esticada de olho ao redor, ou na memória da família. E disse mais: "conforme a pele vai clareando, os mestiços vão tendo mais chances do que o preto de pele com mais tinta". E eu lembrei do dia anterior, a gente em casa precisando de caderno, a mãe, Dona Preta, correndo pra comprar fiado na Loja da Cleide, e o Seu Nélio, marido dela, falando: "a prazo eu não vendo". E eu, Léo, o pardo, criança ainda, sem falar nada pra mãe, fui lá sem dinheiro e voltei com os cadernos. Virei cliente de notinha deles, e tempos depois até funcionário. E foi uma baita de uma dor nas costas que me fez sair, porque ele tinha me tirado do atendimento

e me pôs no serviço de carregar caixa, do caminhão pro depósito, do depósito pra loja, porque ele queria ser atacadista.

Então, anos depois, eu falei pra minha mãe da idéia maluca de que queria fazer filme pra preencher a vida por motivo de achar tudo desenxabido. Meu pai, calado num canto sem vender fumo de dia, e de noite se encharcando na pinguinha. Minha mãe trabalhando com vassoura de noite num colégio, e costurando de dia. E eu também vendo com olho ruim o duro das tias Tina, Sinhana e Maria.

Sem graça; sem animação.

A idéia de fazer filme era maluca, porque nem cinema em Campo Belo tinha, mas eu sabia da magia do cinema, minha diversão era assistir aos filmes do Carlitos na televisão. *O garoto*, que falava do Carlitos achando um menino abandonado na rua num carrinho, e depois, já crescido, o acompanhando nas estripulias. Também vi aquele do Carlitos gostando da moça cega vendedora de flores e do outro Carlitos palhaço sem querer, só porque estava andando atrás da filha bailarina do dono do circo.

Personagem criado pelo comediante norte-americano Charles Chaplin (1889-1977).

Em criança ainda, num dia da cidade, virei Carlitos, eu e mais quinze alunos repre-

sentando nossa escola, bigodinho quadrado de crina de cavalo pregado na cara com durex, bengala, colete preto apertado e com rabo, chapéu coco debaixo daquele sol quente de Minas, e um par de sapatos velhos. E nós saímos, quinze Carlitos na frente da banda, no vão da multidão, o pé virado cada um pra cada lado, mão rodando a bengala com um sorriso bobo de mineiro na cara e de vez em quando uns pulos de lado, batendo o calcanhar de um sapato no outro.

Então, se iria fazer cinema, era preciso estudar muito, o professor Lázaro dizia, literatura, aprender fotografia, saber do fingimento dos atores e de música. E saí pro desafio, com dezessete, e fui morar com a irmã de Belo Horizonte, pra fazer o terceiro ano do colegial mais reforçado. Fui aos colégios particulares, apresentei as boas notas, conversei com os diretores e falei dos meus planos, que me dessem uma bolsa de estudos. Disseram: "espera, a gente liga". Pra trabalhar, meti o olho nos classificados. Um mundo de entrevista e sempre a falta do inglês e do curso técnico. Num domingo, um anúncio: "mil cruzeiros novos, oportunidade para jovens com força de

vontade. Entrevista na Rua Pirapetinga, n° 100. Necessário estar trajando terno para a entrevista. Oito da manhã".

O dia todo a Gilda e meu cunhado na ajuda. Arrumei um terno com o vizinho evangélico e fui, desajeitado, terno grande, porém menor que a vontade, e o anjo quebrado no bolso. Desci do ônibus na Afonso Pena, 15 pras oito, e me informei da Rua Pirapetinga. "Vá até quase o fim dessa rua, lá é o começo dela". Chego lá não era, estava era no fim, então voltei e cheguei pingando suor no número 100, às 8 e meia. Na minha frente, uma fila enorme de jovens com força de vontade. Preenchi a ficha e esperei. Meio dia e meia. "Senhor Leonardo". O serviço era vender filtro de água de casa em casa. "Os mil cruzeiros novos? Os mil cruzeiros novos dependem somente da sua juventude e força de vontade". Mandei o entrevistador catar cavaco e fiquei na capital um tempo, fiz amigos, ia aos bailes das quadras, aos shows de comício, aprendi gírias, mas precisava terminar os estudos. Nada de me ligarem, voltei pra casa.

Chegado em casa, coloquei o sonho dentro da caixinha de sapato com os desenhos antigos e as anotações das histórias das tias.

Nessa época, começaram a entrar nos meus sonhos imagens que me acompanharam durante muito tempo: um monte de cara de gente, cara cheia, aproximando, rindo da minha, indo e voltando. E riam, riam.

Arrumei trabalho de vendedor da Ellan's Calçados, e ganhava até bem. A Casa Lêdo, a Loja do Povão, vendia bastante, principalmente na safra do café, e agora era grande e reformada, com dois andares, e além da Rosali, agora empregava mais gente da minha família, a Júlia, a Gilda, que veio de BH com o Luis e as duas filhas, e o Claudinei, na seção de móveis. Todos, menos a Júlia, já estavam casados. Ela, a Júlia, quase não passeava e todo mundo enchia as paciências dela, "ei, sai um pouco, você se engana se acha que príncipe bate em porta de casa". E, num carnaval, bateu, e é japonês e se chama Paulo, veio com os primos de Suzano, calado que nem ela, nos quatro dias da festa. E ela me segredou no pé do ouvido: "pede lá o endereço dele". E eu de cupido, "ô Paulo, a Júlia queria te escrever uma carta pra dizer umas coisas que ela não pode falar agora". Trocaram cartas durante dois anos e depois casaram.

Da parte que me toca, a minha primeira paixão tinha sido a Elisa, menina negra linda de cabelo solto ou trança, que trabalhava na casa da diretora da escola, a Dona Sirlene. Mansão grande, entre o centro e os dois morros que se subia pra chegar à minha casa. A Elisa era da minha idade e à noite ia ficar na rua com a gente, na brincadeira de roubar bandeira, dois times, uma risca no meio, cada um com um ramo de árvore que servia de bandeira, e roubá-la era passar pro campo de lá correndo sem ser relado por ninguém, senão virava estátua, e voltar do mesmo jeito com a vitória pro seu campo. Certo dia, a Elisa me encantoou: "quero te dar um beijo de novela das oito". "Como que é isso?" "Eu coloco a minha língua perto do céu da sua boca, e você com a sua tenta desviar, se enrosca e tenta encontrar o céu da minha". E a gente ficou nessa. Durante o dia, a patroa dela trabalhando, a criançada da rua inteira ia pra lá, entrava na piscina e comia tudo quanto era coisa boa que sobrava do almoço da diretora, maçã, doce de leite, danone e chocolate à vontade, porque danone a gente só comia quando trabalhava na rua e passava no supermercado, um

olhava enquanto o outro enfiava o dedo nas bandejas de danone e depois chupava, mas chocolate no supermercado não dava pra comer, a gente pegava as barras e quebrava. Depois todo mundo ajudava a Elisa a arrumar a casa e eu e ela íamos assistir à sessão da tarde, dando beijo de novela das oito. A Elisa depois se cansou da patroa e voltou pra casa dos pais dela.

Depois veio a Marli, dos bailes do Radar Tantan, a turma dançando no mesmo passo, o Tuta, o Kiko, o Douglas, o Júlio, o André beijando a Sueli, a Sandra e o Marconinho, o Gigante, o Nilson, o Jairo e a Alessandra. Todos acompanhando a letra no inglês que a gente entendia do Run DMC com o "Ci, ci, ci, cinema, mo, mo, mo, movie". Era a turma da Feira e do São Benedito, ou da baixada da Feira, e do Alto das Mercês, a caminho do São Bené. Inimigos, às vezes, todo mundo correndo pra acompanhar uma briga, numa dessas levei uma pedrada no pé. Foi nessa época que eu tomei o primeiro porre de Coca-cola com pinga e mais tarde levantei da minha cama e fui pra cadeira do lado da cama do pai e da mãe, pra botar pela boca o mundo que rodava.

Grupo norte-americano de hip hop.

A caminho do Radar Tantan era o Central Lanches, uma rua entre a praça e as costas da igreja Velha Matriz, e a gente sempre com o bolso pequeno, usando tênis falsificado da Le Cheval e a turma do Central já de carro novo e tênis importado, olhando a gente de modo enviesado, um curioso do mundo do outro. Nossa pista de dança era o Radar, antiga pista de boliche que não tinha dado certo, e eles iam dançar na boate com luzes que giram do Campo Belo Country Clube, somente para associados ou com preço de entrada que era um convite pra gente não ir.

E dos olhares que saíam faíscas, nós, um dia a caminho, paramos, o Jairo e o Gigante tomando a frente pro lado do Central. Carros com as portas abertas, o som no último furo. Fizemos uma fileira pra dançar. O começo foi amigável, uns tentavam acompanhar nossos passinhos. Mas o dono do carro desliga o som e ri igual bobo. E o Jairo, "que foi? Nunca viu?" e ele, "o quê... macaco no fio?". E o Jairo: "nós temos dinheiro, porque a gente trabalha". E a turma de lá e a turma de cá. O que riu tirou um facão do carro e o Jairo pegou

dele o facão e pôs grudado no seu próprio pescoço, "dá então", segurando a mão do rapaz e o facão, levando no pescoço e tirando, "dá então essa facãozada". Arrancou dele o facão, meteu nele uma bordoada na cara e depois jogou longe a arma afiada, zunindo, os de lá e os de cá de olho arregalado, os de lá fugindo e nós indo atrás no quebra-quebra.

E o Jairo passou a ser temido na cidade. Justo quando recebo a notícia da Marli: "a Alessandra tá grávida", os dois com 16, "e quer tirar". Chovia, e eu saí correndo de noite até a Feira, e cheguei na casa da Alessandra, igual lá em casa antigamente, cheia de criança dormindo junto. Eu tava um pinto molhado e afobado: "não tira não". Passou um mês, eles se juntaram e o Jairo foi pra filial da Expresso Wiltrans em São Paulo.

A Wiltrans é uma transportadora com sede em Campo Belo e filiais em Belo Horizonte e São Paulo, na Vila Maria. Já morando em São Paulo, fui lá pra pegar carona e vi espalhados nos beliches vários conhecidos de Campo Belo, às vezes chegava lá às dez da noite, e todo mundo tava encordoando as cargas, pros caminhões saírem. Cinco

da manhã já chegava nova frota e o povo levantava pra carregar as toneladas de caixas. Mas pesado mesmo era receber os salários, ficavam até três ou quatro meses atrasados. E o Jairo trabalhou lá dez anos. Tinha dia que ele carregava até treze toneladas. Indo lá eu não gostava era dos comentários, os colegas do meu irmão rindo dele, "chegou seu irmão inteligente, quem mandou não estudar igual ele". E eu não gostava porque sabia que burro ele não era. O problema foi que o Jairo e a Júlia ganharam bolsa do Dom Cabral, o colégio particular dos padres holandeses de Campo Belo, e os dois pararam antes da oitava série. Quem estudava lá era o pessoal do Central Lanches. Depois a Ju entrou no Polivalente e terminou, mas o Jairo desistiu.

Com o nascimento da filha dele eu juntei pra minha coleção mais uma esquisitice. O salário do Jairo atrasou e ele não podia ir pra Campo Belo, e a Alessandra me procurou: "preciso registrar a menina pra passar com ela no hospital". "Então vamos lá no cartório". E até hoje sou pai da minha sobrinha.

Foi idéia do Júlio, nosso amigo, pularmos pela horta da casa da avó dele pra

dentro do Country Clube, pra conhecer a boate. Deixamos as namoradas em casa e fomos, no silêncio, por causa da velha dormindo. Depois, mais calados ainda, saindo do mato e entrando na portaria. Lá, era endireitar o corpo e se enfiar no meio dos sócios. E nos divertimos. E uma e duas e três vezes, e depois mudamos de tática. Fizemos um buraco na cerca do campo de futebol, pelo lado de baixo. Caminho mais longo e mais seguro e, no escuro, a música baticum besta lá no fundo, tinha que passar pelas árvores e fugir dos buracos. E a mesma coisa, entrar correndo no meio do povo dançando. Um mês assim, mas um dia a gente dá de testa com o Carlão, segurança. "Ô Carlão, a gente te conhece, se põe do nosso lado, querendo entrar aí dentro e não podendo porque é caro". "Vai atrapalhar no meu emprego, Léo, aqui não é lugar procês, não, vai que vocês arranjam briga, chega meu chefe e pergunta, cadê o convite? Ah, não tenho, não. Pra quem que sobra? Diz, diz, pra mim aqui, pro Carlão". "Vai nada, Carlão". Ele coçou o queixo: "entra hoje, mas não acostuma". Acostumamos, e levamos mais gente, deixávamos

as namoradas em casa e íamos pro Clube. A barra da calça toda enlameada. O povo fazendo roda pra ver a gente dançar. Paquera que era bom, nada. Um dia, deixo a Marli em casa e quando chego lá dentro quem eu vejo? A Marli chefiando as outras namoradas, que pra pegar a gente tinha até negociado a entrada. Não lembro dos outros, mas no meu caso, foi logo um tapão na cara. Estava muito bonita e falou firme: "a gente se gosta e seu sofrimento vai ser não me ver nunca mais". Pra sofrimento maior, ela ainda namorou o Adriano, um amigo, e depois nunca mais nos vimos.

Voltando de Belo Horizonte, o Tuta me passa quente que a cerca que nós pulávamos pra entrar no Country Clube tinha virado a muralha da China, porque, da última vez que pularam, tinha dado um grande galho, mas de qualquer jeito eles tinham enjoado, e pior, o Radar não abria mais.

Logo depois, num sábado, eu, na Ellan's Calçados, atendi uma menina branca do cabelo preto e a mãe, a irmã e o cunhado. Ela me pede pra experimentar uma bota. Peguei e ela soltou: "vai à boate hoje?" E eu fiquei gago. Como dizer que não porque

o muro agora está muito alto? "Não, eu tô muito cansado". Mas ela sacou outra: "ah, já sei, é que agora não dá mais pra pular, o muro tá alto". E a mãe dela riu, enquanto com a espátula ajudava a enfiar o pé num sapato. "Então ele é um dos meninos que obrigaram o Juarez a construir aquele muro alto. Ô coitado, liga lá em casa que a gente assina um convite pra você". Entreguei o sapato, "não, senhora, muito obrigado". Ia saindo humilhado, pensando, "coitado é rato pequeno que caiu no azeite quente e morreu afogado e queimado", quando ouvi o Sérgio, meu patrão, que tinha escutado tudo, próximo ao caixa: "mas agora ele tem dinheiro pra entrar, Marcela, daqui uns dias vai ser gerente, e não demora". E a menina se desculpou de ter comentado. "É que a minha mãe tinha ficado sabendo e achado muito engraçado, porque meu pai era presidente do clube".

Fui e paguei a entrada, só por desaforo. Mas, sem meus amigos, fiquei totalmente deslocado. Daí pra frente, a Marcela ia à loja, puxava assunto, brincava, e certa vez quase caí sentado, ela iria fazer faculdade de cinema em São Paulo, ia falar que eu

também, mas fiquei calado. "Tem bastante filme lá em casa, passa lá pra gente assistir". E fiquei amigo da Marcela, da família inteira e do Jardel, o cunhado, que sempre emprestava pra Marcela o carro. Ele trabalhava em São Paulo e tinha uma distribuidora de conservas, saía às vezes com a gente e era bem engraçado, e eu confessei pra ele e pra Marcela que queria fazer cinema. Ela disse que era bom entrar numa universidade. "Como, se eu não fiz colégio bom e não sei química e nem física?" Ele jogou a deixa, primeiro igual o professor Lázaro. "Pra fazer cinema, primeiro se aprende fotografia, literatura, se vê muito filme, música. Vai pra São Paulo, trabalha comigo, eu te dou o curso de fotografia de presente. E você vai ganhar uns mil reais, três vezes mais do que aqui vendendo sapatos".

Antes da boate, íamos ao bar Beagá, o mais novo da cidade, e por meio dela conheci muita gente, inclusive revi o Giuliano, a Roberta e a Mariane. Todos estudantes do Dom Cabral. E eu achei estranho porque eles tinham o professor de física, o Davi, como ídolo, e adoravam Física, e a gente, do Polivalente, não se dava com ele e odiava Física.

O Kiko, o Preto e o Júlio eu encontrava pra tomar uma cerveja, mas eles diziam que eu tinha virado playboy. E entre os amigos da Marcela rolava o boato que ela estava se queimando namorando comigo. Foi ela que me contou, rindo. E depois que ela saiu da prova do vestido que a minha mãe fez pra ela, minha mãe acertou: "é, eu sei que você está afim dessa menina". Um dia, meu pai com as contas apertadas, eu ofereci de comprar o fusquinha dele, e pagar aos poucos. "Você acha que é igual esses meninos que você tá andando agora? Se quer ter seu carro, junta um dinheiro e compra".

Sábados depois, criei coragem e decidi que ia chegar na Marcela. Era noite de baile country. Comprei uma bota, coloquei uma camisa xadrez e um chapéu e fui até a sala, a mãe alinhavando uma calça e o pai fumando cigarrinho de palha. "Tá bom assim, mãe?" Ela reparou com os olhos de saudade. "Tá bonito, tá parecendo com você, Jair, quando era moço". Antes bebi uns goles. Na boate, debaixo das luzes vermelhas que depois se misturavam com as verdes e se confundiam com o som alto da música sertaneja remixada, a Marcela balançando o

cabelo debaixo do chapéu, eu cheguei minha boca perto da orelha dela e disse: "posso falar com você?" "Eu não tô escutando nada". Gritei, "vamos lá fora que eu preciso falar com você". E perto do scotch bar, do lado de umas plantas, ela respondeu: "você está confundindo a amizade". E eu: "essa é a pior maneira de você me dizer eu não tenho nada a ver com você". E ela foi um pouco mais franca: "tá bom, você não é o meu tipo". "E qual é o seu tipo?" "Você é muito brasileiro" "Agora, sim, Marcela, é bom a gente ser verdadeiro, mas essa ainda é a pior maneira de dizer que você não gosta de filhos de pretos". Eu era um idiota e sabia, durante todos esse dias ela ou os amigos dela me davam carona, mas só até o pé do morro de casa. "Aqui tá bom pra você né, Leonardo?" E no dia do fora da Marcela eu voltei pra casa bêbado, a pé e chutando tampinha, o sol já quente, roupa nova fedendo cigarro, e tive vergonha e me escondi pra não ser visto pelo pai e a mãe que vinham lá na frente pra missa das sete. E a partir daí resolvi tomar tino do meu caminho, antes que eu virasse assombração que nem a tia Rita Mulata.

Tirei meus sonhos, o RG e o anjo de nariz esfolado da caixeta de sapato e rumei pra São Paulo, fui vender palmitos pro Jardel.

São Paulo

Só depois de te dar uma flor pra cheirar é que o diabo peida fedido, levantando o rabo. E bem que a Sá Zica Tijoleiro tinha me dito uns dias antes, quando ela jogou os búzios. "Ou a terra da garoa te dá só um resfriado ou você prova ser forte e volta três vezes, reforça no leite de peito, e na derradeira vez você a vence, mesmo se já for homem feito e barbado".

Em São Paulo, antes de passar o serviço, o Jardel me levou numa rua, onde ia ser meu trabalho diário. "A Oscar Freire é a rua mais cara do Brasil. Em São Paulo, se você não é esperto, é só mais um número numa multidão". E ele chamou a secretária dele, a Giane, que esperava no carro. E dentro do banco, pra se safar da fila grande, deu pra ela os pagamentos e ela pôs a mão na barriga, se passando por grávida.

Dois meses na Vila Penteado, na casa da tia Rosa, também filha do vô Geraldo. Casa pequena, eu, ela, os primos e o marido. E

durante o dia pegava o ônibus e ia pra Aclimação, vestido com os ternos que a mãe tinha feito. Dentro da pasta de couro, que ia num braço, a tabela de preço. Do outro lado, uma sacola, com dois vidros grandes de palmitos Juçara. Minha função era convencer os restaurantes caros da Oscar Freire e região – Ritz, Fazano, Quatrino e cantinas italianas – que a Lavrador Alimentos não era mais do Jardel. Perdi o número de quantas vezes ouvi "volta depois". E eu voltava. Tinha vez que cansava de andar com aquele terno quente e dormia numa praça, ou pegava caneta e papel e escrevia pra casa. E vendi bastantes caixas. "Vou te comprar dessa vez, porque você é teimoso, e eu gosto de gente teimosa", um deles me disse. Ou o outro: "vou te comprar dessa vez, porque você é chato, e eu não gosto de gente chata". Passado um mês, vi, num jornal, propaganda de um curso de fotografia, barato, cem reais. Recortei e levei pro Jardel. Ouvi um "não, tá cedo, vamos esperar daqui uns seis meses". Voltei pra casa da tia amuado, e ela, "que foi?" E eu contei. No outro dia, a tia Rosa tinha deixado cem reais em cima da geladeira. "Vai fazer seu curso", e fomos trabalhar.

Aborrecido; mal-humorado.

O Paulo, meu cunhado, marido da Júlia, tinha me emprestado uma máquina profissional, e depois de uma semana de teoria fomos fotografar o Palácio das Indústrias. Nas aulas, dito e feito, os conselhos do professor Vanderlei: "vejam as fotografias de filmes como Antes da chuva, ou do artista negro Basquiat, visitem exposições, reparem os desenhos do mundo e eduquem o olhar. Fotografia é escrita com a luz. Reparem nas sombras e nos reflexos que o sol desenha. Esqueçam a Madonna e outras moças que só querem o dinheiro de vocês". Fizemos as revelações e do papel mergulhado num banho ácido veio um instante de mundo que eu tinha congelado.

Jean-Michel Basquiat (1959-1988) artista norte-americano, de Nova Iorque, começou como grafiteiro nos metrôs e conquistou reconhecimento mundial como artista de vanguarda.

Na Lavrador Alimentos, os primeiros compradores viraram clientes e eu fui morar no Cambuci, por conselho do Jardel, com os outros funcionários, os meninos do nordeste, Emílio, Daí, Vado e Ribamar. Passados dois meses, os clientes ligavam cancelando as entregas. "Tá vindo mercadoria trocada, eu peço palmito juçara inteiro e me vêm misturado nas caixas potes de palmito picado". As vendas caíram e o salário e os vales-refeições foram cortados. Cheguei

no patrão, sentadinho na mesa, tranqüilo, e reclamei: "em casa tá faltando comida". Ele apontou uns potes do meu lado: "come palmito". Sentei e comi. O curso de fotografia acabou na época em que descobri que o Jardel vendia palmito de corte ilegal com rótulo legalizado. A secretária dele, Giane, também comprava, às escondidas, o palmito sem permissão pro corte e usava os rótulos da Lavrador Alimentos e, nos finais de semana, também o veículo e os funcionários pra entrega, e a nossa casa era o depósito.

Fui mandado embora, sem direito a salário, porque o Jardel queria que eu integrasse o esquema e eu me recusei. Não recebi o salário e voltei pra beber do leite de peito e poder ser gente de novo, que agora era poder tirar fotos e assistir os filmes que o professor Vanderlei tinha indicado. Entre eles um em que o cineasta ítalo-americano Francis Ford Copola dizia que o cinema só seria arte no dia em que quem tivesse vontade pudesse ter às mãos o necessário pra fazer o seu filme.

De volta a Campo Belo, fui fotógrafo de casamentos. Dava pra exercitar, mas não

muito, porque no começo as noivas são bonitas, mas depois de dez ficam todas iguais. Também fotografei formaturas, com a máquina na mão como se fosse metralhadora, porque recebe mais quem mais fotos tira. E fora dos trabalhos é que eu treinava, saía no meio dos matos, tirando foto de galho seco, passarinho, pessoas colhendo café. Eu tava meio bobo, não podia ver uma casinha num pé de serra e ela já me pedia pra virar imagem. E com o dinheiro juntado eu ia voltar pra São Paulo. Fui pra Piracicaba por uma semana e fui considerado o melhor aluno do curso de fotografia da Angélica e do Gustavo Gonzáles, dois fotojornalistas chilenos que vieram pro Brasil, há uns trinta anos, fugidos da ditadura militar. O Gustavo falava que tirar foto de guerra é ter que correr pro lado do canhão enquanto as pessoas estão fugindo dele. E o elogio que os dois me deram valeu o convite pra trabalhar com o Carlos Moirão, um rapaz paulista que, da herança do pai, que morreu no exército, montou uma concessionária de carros importados e, depois, não dando certo, montava agora a Foto Print, um laboratório fotográfico.

Era o ano de 1998, eu com 25, e mesmo não acreditando nas promessas do quarto alugado e um bom salário, peguei novamente meu anjo, que era anjo só da metade pra cima, e fui pra Santo André.

Lá, morei na Cidade São Jorge e dividia a sala com a Joyce, menina de oito anos do segundo casamento da Cristina, e neta do tio Tarcisio, irmão já falecido da minha mãe. E com a Joyce eu brigava e ria, porque trabalhava até as dez e ela queria madrugar vendo televisão, e eu gritava a Cris, que ralhava, "desliga a televisão, menina, ou vai apanhar", e a Joyce me olhava maldosa, "Léo, como eu te odeio," era só pregar o olho e ela ligava de novo. Nos finais de semana saíamos eu, a Joyce, a Cris e o Marquinhos na Brasília barulhenta que toda hora parava, e íamos pros bares cantar nos videokês ou arrastar o pé. No laboratório tudo ia bem, e a pessoa que eu mais gostava era a Dalvinha, uma moça indígena que sabia que era indígena, vinha do Maranhão e em São Paulo ganhava a vida na faxina, depois de ter morado debaixo de viaduto. Mudei da casa da prima depois do dia em que, dormindo, acordei com cheiro forte

de gás. "Que é isso?" Era o Marquinhos, fã do programa do Ratinho, que ligou o bujão, passou a chave na porta e disse, fazendo cara de Cidade Alerta: "é hoje que essa casa vai pro ar". Peguei a Joyce pela mão e peitei: "quer morrer, morre, mas a gente sai primeiro". Tudo não passava de cena e a Cris deu uns gritos e tirou a chave dele.

Cobrei do patrão a promessa do aluguel do quarto. Depois de uns dias ele me mostrou o quartinho dos fundos da casa dele. "Não é quarto de empregada, minha avó é que morava aqui". Pensei e não falei: "pode ser que sua avó é que morou aqui, mas ela era tratada como empregada". Era perto do trabalho e eu não podia reclamar, porque sabia que outros pretos, pardos e índios estavam em situações piores, indo trabalhar em ônibus e trens lotados, como a tia Rosa, a Cris e a Dalvinha, ou sem salários, como meu irmão, o Jairo, e os colegas da Expresso Wiltrans. Nos finais de semana, pegava o trem destino Rio Grande da Serra – São Paulo e ia pra capital ver outros filmes. No trem, senhoras e pais de família negros vendiam Kaiser, Brahma, suco, Coca-cola e água e um menino preto, trabalhando

como se brincasse, ofertava: "balas de gengibre, boa pra garganta, dor de estômago e de coluna", e a amiguinha parda ria, o empurrando e oferecendo rápido: "amendoim torrado, um passe leva dois, cura até bico de papagaio e ferida de machucado". E de volta, na escada rolante do metrô, vendo jovens de cabelos vermelhos e roupas rasgadas, eu amargava a saudade de casa.

Algumas noites eu acordava com olho arregalado no teto, a alma parecendo água sem peixe, estranhando o quartinho escuro sem rádio, nem irmão do lado, nem televisão, e demorava a lembrar que dormia naquele banco de carro com colchão em cima por conta de um acordo que tinha feito comigo mesmo.

Em 1999, a prefeitura de Santo André ofereceu cursos gratuitos de cinema pra roteirista, fotografia, maquinista e iluminação. Devia escrever uma carta de intenção e escolher um deles. Fui selecionado e fiz todos. Na mesa do almoço, a mãe do patrão me pergunta por que estava saindo do trabalho sem ajudar a fechar as portas. "Estou fazendo um curso", falei. "Um ingrato, mãe", disse o filho. "Trago ele pra morar na

nossa casa, e em vez de vestir a camisa da Foto Print, o caipira quer fazer cinema". Ela riu. E começou a implicância, que se estendeu da irmã à cachorra Malu, uma rotweiller que passou a comer as roupas que eu punha no varal. No fim de semana, lavar o canil e varrer as folhas da árvore que com os ventos acumulavam no quintal. Resolvemos podá-la, pendurei e a Cíntia Moirão, a mãe dele, cortou, e vendo minha habilidade com os galhos soltou essa: "ao menos pra subir em árvore você presta". A máquina de lavar roupas quebrou na única vez que eu usei; "se quebrar de novo será descontado do seu salário". No Natal, ganhei dela dois panetones, abri e joguei fora, estavam com bolor. Noutro dia, ofereceu uma couve refogada no almoço que estava amarela de velha, e eu deixei no prato. "Pô, achava que mineiro comia de tudo". Não suportei: "é, a gente come, mas só quando está bem preparado". Havia fins de semana que todos viajavam e eu me fartava na geladeira e até levava amigos e namorada.

Pro aniversário do Carlos fui convidado por ele, quando eu saía da loja. "Hoje não tem jantar, mas tem uma festinha pra gente

comemorar, vai lá". Não queria, mas a fome apertou, troquei de roupa e estava indo, quando a irmã dele bateu no meu quarto. "Hoje não tem jantar porque é aniversário do Carlos, trouxe este pratinho de salgados pra você". Achei melhor, comi. Passa um tempo, o Carlos grita: "vem cá mineiro, fazendo desfeita? Os convidados querem conhecer nosso cineasta". Pus a roupa de novo e fui, porque também queria conhecer os convidados. "Pra ser cineasta é preciso ler muito, conhecer de tudo", o sogro dele falando, um japonês comerciante em Mauá. Depois me esqueceram e falaram do plano Real, o Carlos, os primos, as namoradas, a irmã, a mãe e o sogro, que toma frente: "vejam só essa situação, nós estamos acostumados a comer bem todo dia, se fossemos pobres, vá lá", e ele mordia guloso um sanduíche, "pobre come a vida inteira arroz e feijão, e pra eles só vai continuar, mas e nós, como vai ser?"

O curso de cinema correu durante um mês, e de todos o melhor pra mim foi o de roteirista, com a moça Sabrina, curitibana da minha idade, formada pela Universidade de São Paulo havia pouco. No palco do Cine Teatro Carlos Gomes, entre as cordas

grossas das cortinas que desciam do teto, quinze alunos, sentados no chão de madeira, inventavam uma frase que era uma história, embaralhávamos todas e depois cada qual tinha que desenvolver a que caísse na sua mão, dando aos personagens nomes, sonhos e obstáculos pra serem realizados, ou não. Nas minhas frases tinham dois amigos, um que queria voar com asa de papel e quase que virou padre e outro que cantava moda sertaneja na praça de uma cidadezinha e morreu num rio, afogado. O curso acabou e as horas no laboratório fotográfico aumentaram, sete da manhã pra abrir e varrer o estacionamento, dez da noite pra fechar e lavar as bandejas de químicos. "Eu repito, você tem que vestir a camisa dessa empresa, Léo, a gente mora perto, você precisa me agradecer". Eu pensava e calava: "mas desde quando eu sou bobo de gostar de camisa furada?"

E de vez em quando eu passava na frente dos cursinhos pré-vestibulares, mas tudo muito caro, e se eu fizesse, não ia ter tempo de estudar em casa. Resolvi prestar concurso público pra técnico trabalhista do TRT de São Paulo: estudava à noite e aos domingos.

Tribunal Regional do Trabalho.

Com o cargo ganharia mil e seiscentos reais e faria faculdade de cinema. Fiz a prova e, três meses depois, confiro o gabarito. Não tinha passado por causa de uma questão de matemática. Resolvi seguir o plano de criança de juntar um dinheiro e poder me sentir gente. Já tinha uma boa quantia, e a Sabina tinha falado: "tenta entrar na USP, lá tem o Crusp, a moradia estudantil, é do governo, não se paga nada, um curso fácil de se entrar é Letras, você entra e tem contato com o pessoal do curso de cinema, e acaba fazendo seu filme". E assim eu fiz. Mas só chegando em casa que botei reparo que eu tinha esquecido o anjo, sem pés e com o nariz esfolado, debaixo do colchão.

Centro Residencial da Universidade de São Paulo.

De volta pra Minas, estudei seis meses com a ajuda do Vadinho, um colega do Polivalente. Ele era ex-aluno de Física na Unicamp, tendo desistido do curso por causa da falta de dinheiro. Daí revezava os estudos com as visitas à casa das tias Sinhana, Maria e Tina. Queria prestar cinema e não Letras, mas nessa época, perto da inscrição, duas irmãs do meu pai, tias verdadeiras chamadas dinha Tonha e dinha Aparecida, também solteiras como as tias de consideração Tina,

Sinhana e Maria, e também na casa dos sessenta e trabalhando na roças de café como elas, haviam mudado da área rural pra Santana do Jacaré e tinham virado vítimas de risadas, como o Antônio Nogueira do canivetinho preto, que corria atrás das crianças que levantavam o dedo dizendo "Antônio Nogueira pra deputado". Eram perseguidas, chamadas de Irmãs Freitas, a dupla sertaneja. Queriam vê-las nervosas, jogando pedras, correndo, os pés descalços, atrás das crianças e até de adultos nas ruas antigas da cidade. E a coisa foi ficando brava.

O Celso, moço feito, primo nosso por parte de mãe, da rua gritou na madrugada: "ô irmãs Freitas" e jogou pedra no telhado delas. Elas saíram nervosas, ele pulou o cercado do barraco e bateu nelas, que se defenderam dando-lhe um toco de lenha na testa. Esperto, o Celso fez exame de corpo de delito, e depois as processou, e elas, machucadas, não fizeram nada. Meu pai pediu pra eu ir à audiência. "Você tem mais estudo que eu. Elas não têm advogado, o Celso contratou a filha do Milton Linhares". Diante da juíza, eu falei: "as coisas estão invertidas, são as duas senhoras que apanharam", e a ad-

vogada me contesta, "pode sobrar pra você, é melhor ficar calado". Foram condenadas: trabalhos na prefeitura, varrer a rua de graça em Santana, isso remoendo minha cabeça e desgraçando de vez a honra delas. Com pouco tempo de estudo, notei que o curso de Letras tinha oitocentas vagas na USP e o de cinema trinta, concorrido igual medicina. Segui o conselho do pai: "dorme bastante que o sono bem dormido alimenta o espírito. Madruga amanhã, põe uma água na bacia, lava os pés e o rosto, toma um café preto e forte, e aproveita esse horário de silêncio pra trabalhar, ou, no seu caso, estudar".

Resultado, Letras, na USP e também na UFMG, em Belo Horizonte. Mas na hora de resolver, BH ou São Paulo, minha mãe veio com dois papeizinhos. "Lembra o dito dos búzios da Sá Zica Tijoleiro? Ir e voltar de São Paulo três vezes, e a terceira seria a derradeira. É essa a hora, mas vamos tirar a prova com um inocente". E a Dona Preta abriu a mão preta, cada papel uma cidade, e o meu sobrinho, o Marcos, escolheu. São Paulo. Pela terceira vez, voltava pra São Paulo.

Achei na gaveta um dado de seis lados e pus no bolso, no lugar do anjo quebrado.

Universidade de São Paulo

Na semana de chegada teve festa na praça da Cidade Universitária, Chico César cantando Mama África, quando deixei de lado os novos colegas, Rodrigo Niessner, 19 anos, do curso de Artes plásticas, Andrei Zucherelli, 18, da Letras, Janaina Utchitel, também 19, Letras, e Vinícius Yamashita, 21, da Engenharia, e fui sentar numas pedras. "Daqui pra frente, vou ter tempo de sobra pra ser gente, mesmo já com 26", pensei, alegre, e essa alegria foi ficando uma bola grande no peito que depois subiu pela garganta com gosto amargo. "Onde estão o Tuta, o Jairo, a Alessandra, o Preto, a Marli, o Douglas, o Júlio... pra dividirem ela comigo?"

A USP tem árvore de tudo quanto é tipo. E pássaros, os bicos-de-lacre, de tinta vermelha na ponta do bico, pequenos, sempre voando juntinho de um ramo daqui pro ramo de lá, procurando alimento; canários da terra e do reino, os tizius soltando tiziu, depois dando saltos e pousando espertos

no ponto original de onde saíram do galho, coleirinhas, tico-ticos e os quero-queros armando a espora debaixo das asas e ameaçando defenderem seus ninhos dos cachorros que correm no percalço deles riscando a praça do relógio. Era o centro de tudo da cidade universitária, com um relógio suspenso numa coluna de quarenta metros, com imagens esculpidas no corpo de cimento que sobe de um tanque de água redondo, no qual as crianças negras filhas ou vizinhas dos operários que o construíram e vindo das comunidades de perto se molham no faz de conta que é piscina. Palco das greves, namoros e festas, ao lado da rua dos bancos, caminho da reitoria, da Rádio USP, das faculdades, das dissertações de teses, bibliotecas, editoras e museus; ao lado de gente correndo, fazendo ioga, andando de skate ou treinando bicicleta.

Aqui, no Crusp, desperto todo dia com canto dos sabiás. Conheci chilenos, paraguaios, moçambicanos, um suíço, um português, guineenses, angolanos, cubanos, outros mineiros, baianos, curitibanos, maranhenses, cariocas, capixabas e paulistanos, e por duas vezes entrou beija-flor no

meu quarto. Na USP, a maioria dos homens e mulheres negras, e são muitos, vestem roupas vermelhas, verdes, alaranjadas, azuis ou pretas e cortam gramas, capinam jardins, guardam portas e servem comidas em bandejas pros alunos brancos, no restaurante central, ou laboram em eternas construções e depois vão pra casa, ali do lado. Há também os alunos negros, os que já entraram, pouquíssimos, entre eles os do continente africano, e os que tentam entrar, muitíssimos, e também conheço uns quatro professores. E nos juntamos tal e qual os bicos-de-lacre, tentando voar pra outros ramos.

E foi um aluno negro quem primeiro deu as boas vindas. Na chegada, encontrei, no ponto de ônibus, um cartaz com a inscrição Procurado acima do desenho do rosto dele. Fiz minha matrícula e o encontrei no restaurante central, gesticulando, e me segurou forte nos braços. "Esse é meu livro, A Noite dos Cristais". Era o Luis Fulano de Tal, com sua banca vendendo o livro vencedor do prêmio Nascentes de Artes da universidade. E eu fui morar no mesmo prédio que ele, no Bloco C, da pós-graduação. "Cinema?

Esquece isso, menino, escreve", e eu olhando pra estante cheia de livros querendo ter uma igual. "Leia esse livro, *Quarto de Despejo,* de Carolina de Jesus". E li A Noite e O quarto. Um falando dos negros mulçumanos trazidos do Benin pra Bahia, revoltosos contra a escravidão; e o outro dizendo do dia-a-dia da poetisa e contista negra que havia no peito da Carolina que todo mundo pensava ser somente catadora de papel. E o Luis espalhava poesia pra quem passasse pelo corredor do Crusp, escrevendo, nas madeiras que cercavam o prédio em reforma, trechos do seu novo livro sobre o personagem Ogi Talabi. E me dava conselho e contava dos amores que ele alimentava. Mas eu fui firme com o Fulano de Tal. "Entrei em Letras, não cinema, mas faço um filme". "Menino teimoso", respondeu.

Na USP, andei de bicicleta, joguei capoeira, andei de skate, li livros brasileiros, russos, argentinos, angolanos, moçambicanos, cubanos. Namorei muito, fui a festas, sambei, vi filmes franceses, alemães, americanos, japoneses, italianos, dinamarqueses, espanhóis e mexicanos, fui a exposições de variados artistas e épocas e participei

de discussões. Tinha uma dor de cabeça que vinha de muito tempo, fui ao Hospital Universitário. Fiz tomografias e eletroencefalogramas. "Você morde errado, essa é a causa". Então, fui à faculdade de Odonto ver a arcada dentária.

No fim de um questionário extenso, três quadrinhos: preto, branco ou amarelo? Marquei preto. Sentei na cadeira e dois alunos, um japonês e um branco, revistaram minha boca e apertaram minha cara. "Mexa a mandíbula pra frente, arrastando os dentes debaixo nos de cima". Vinham com a régua e mediam a diferença, e enquanto isso eu medi o nariz deles, eram finiiiinhos. Veio então a professora: "você passou por algum distúrbio emocional ultimamente? Se não quiser não precisa falar. Dorme bem? Range os dentes?" Perguntava e eu olhei pra doutora, meu rosto doía de olhar pro lado dela, atrás da minha cadeira, seus olhos quase que não tinham pestanas, a boca fina, a pele branca-branca. "Deve ter sobrenome difícil", pensei. "Deve ganhar bem". Foram três horas de medições, pintaram meu dente com papel carbono, amassaram meu crânio. "Ponha a língua

no palato", o japonês me pediu. "Pra ele é céu da boca", orientou a doutora. Levantei e fui até a mesa da secretária marcar a próxima consulta e vi muitos pacientes pardos e pretos e, em cima de cada um deles, estudantes brancos e amarelos apertando suas caras, e de vez em quando eles respondiam perguntas da professora nórdica.

O circular em greve. Saí da Odonto e ia pro Crusp, às 9 da noite. "Se ao menos ganhasse uma carona". Resolvi ir pela Rua do Matão, caminho da Biologia e da Biomédicas, rua entremeio às árvores. Lá embaixo, no começo dela, vinha um Toyota da Guarda Universitária. Susto, parou. "Parado". Desceram cinco homens azuis e um deles chefiou: "o que você faz aqui?" "Eu tava na Odontologia". "Tem acontecido muito roubo nesses prédios. É estudante?" "Sou". "Mostra a carteirinha". Entreguei meu RG. "Eu pedi a carteira USP". Eu, no descontrole. "Você já tá com meu RG, a carteira USP eu perdi e estou esperando sair uma nova". "Então você não é estudante?" (Pensei, mas não falei, "e se eu não fosse?"). "Sou da Letras, devolve meu RG". Os outros guardas de azul passavam o documento de mão em

mão e riam da minha cara. Sabia dos garotos da São Remo, ali do lado, mortos por essa guarda. E se eu respondesse? Eram cinco. Eu, um. "A carteira leva três meses pra ficar pronta, e já falei que eu sou da Letras". Ele pegou o RG e ia guardando. "Pode ir". Firmei: "devolva minha identidade". Ele disse "ah", entregou e foram embora.

De uma aula ficou a lembrança do professor Antônio Pasta, sério, vestido todo de preto, chupando um cigarro, falando uma frase que me preocupou e já preocupava a minha família: "o ser humano na vida precisa de um objetivo e um amor, caso contrário passou aqui em vão".

De três em três meses eu voltava pra Minas, porque fio de telefone não pode ser cordão de umbigo pra religar o filho à mãe e ao pai, era preciso ir até lá. Pegava uma carona de caminhão na Vila Maria e depois de me indignar mais uma vez com a exploração do serviço do Jairo, ia pra casa. O pessoal sempre estranhando que nas férias e feriados eu nunca que levava uma moça. Vi, da janela do meu quarto, as tias e o irmão Teodoro fazendo uma visita pra elas, na casinha de frente. Corri pra lá e falei pro Seu Teodoro: "o

pai preocupa porque eu já tenho vinte e sete anos, ele acha que eu não caso. Casar como? Preciso me formar". E ele sugou o cigarrinho de palha: "Deus arranja tudo, menino. Se o homem quer casar, ele casa. Nem que seja com dívida. Mexe daqui não dá jeito, mexe de lá não dá jeito, mas casa, a dívida paga depois. Casei com a Lenir eu tinha quarenta e dois anos e ela dezenove. Eu era rezador de terço pelas fazendas afora, e fui chamado pra pagar uma promessa da menina, coisa da avó dela, que já fazia gosto da união de nós dois. Mesmo sem o nosso conhecimento, arranjaram de pagar a promessa e arrumar nosso encontro. E, foi lá no Córrego do Cavalo que se ajeitou tudo, a menina deu um jeito, conquistou o rezador de terço e a promessa foi cumprida. O povo tinha disso, fazia o contrato com o santo e o outro que pagasse. Eu, um rapaz bom, já tava com mais de quarenta. Antigamente as coisas eram assim, ninguém sabia de conta, o fazendeiro acabava passando pra trás os empregados no pagamento, coisinha pequena aqui, coisinha pequena de lá, mas passava. O pai trabalhava pra ele, e na maioria das vezes tinha oito, nove filhos. Os filhos tomavam conta

do café, as ruas de café iam daqui até aquela esquina do Seu Quincas, lá embaixo, o pai tratava dos porcos e só, ou então plantava beterraba e essas coisas. Mas, se o filho ia casar logo, dava maneira de conversar com o dono das terras pra arrumar uma casinha pra ele. O filho levava um porco e uma lata de banha pra família nova. Hoje é difícil de guiar os filhos, e olha que são só dois, três. Eu já tinha quarenta e dois anos, oito anos tirando tarefa na roça com o compadre Tião, casei e deixei ele, que logo arrumou de casar também. No mundo tem sempre uma cuia pra juntar com a outra, como se diz. E falavam que casei com dívida, casei, mas depois paguei. Deus não deixa um filho sem cobertor, filho, tudo se ajeita".

E eu não falei nada pro Seu Teodoro, mas pensei: "casar, só depois do filme".

Numa brincadeira com skate na praça do relógio, na USP, eu havia desligado um osso do joelho e tava com uma tala na perna. Pedi benzedura pra tia Tina. Eu sentado, a tia de pé. Ela tinha os olhos fechados, as tranças iguais às antigas da vó Telvina e fincava a agulha num retalho, que ia de cima pra baixo e depois ao contrário, rezando a oração

baixinha que era somente uns assovios e fechando tudo em voz alta. "Que coze?" E a tia Maria deu socorro: "carne quebrada", e eu segui: "carne quebrada", e vieram mais duas mãos de oração baixa e silenciosa que queriam duas outras mesmas respostas para o "que coze?" "Carne quebrada".

Tomamos o café docinho feito pela tia Sinhana, que ela punha nas canecas esmaltadas. Tiramos fotos e depois fui com as tias pro quintal, onde antigamente havia um chiqueiro pra cria dos porcos, o pé de abacate, os pés de couve e as alfaces. A tia Tina fechou o cenho, olhando pra cerca e depois pro céu. "Quatro passarinhos subiram aí pra cima, deve chegar morte e não tarda. Meu filho, a vida é curta e pede pra gente fazer o que se gosta".

De volta pra São Paulo, eu, abraçado na amiga Ana Paula, larguei o fone do orelhão e pranteei o choro da morte: a tia Tina tinha morrido. Fiquei pensando em como ficariam a tia Sinhana e a tia Maria. Eu voltava pra Minas e as duas, mesmo tristes, estavam sempre rindo e contando casos. Dei pra elas as fotos da tia Tina de lembrança.

Trrriiiiiimmmmm. Passado um ano, eu no orelhão, a mãe do outro lado. "A tia Sinhana morreu ontem de manhã. A tia Maria tinha sofrido derrame e tava em casa na meia-morte, desacordada. Colocaram o caixão da Sinhana no quarto dela, achando que de olho fechado ela não botava reparo. E a tia Maria morreu de tarde. Na sala tem dois caixões, e no bairro tá todo mundo assustado, não tem ninguém que entende de duas mortes no mesmo dia".

Não fui ao enterro, já tinha a benção da vó Telvina e das tias, mais as narrativas delas, bordadas na memória. Voltando de um trabalho como monitor na biblioteca do Instituto de Matemática, reencontrei a Sabrina, professora do curso de cinema de Santo André, e recebi dela os parabéns por ter passado na USP. Contei das minhas duas tentativas de transferência interna pra Faculdade de Cinema. Na primeira, havia uma vaga abandonada e eu fiquei como segundo colocado; na segunda, duas vagas, e eu sobrei no terceiro lugar. Ela falou: "escreve um livro, é mais fácil, tem a luta pra publicar, mas é mais barato, você já está na Letras". E eu disse que ela parecia minha

mãe e o Luis Fulano de Tal. “Então tenta os cursos de cinema gratuitos que existem na cidade”, fechou na voz calma dela, mas firme como o seu corpo de um metro e oitenta. E assim fiz, e se cada curso livre do Centro Cultural Banco do Brasil, Centro Cultural Vergueiro, Cinesesc, Cinusp e Colégio Maria Antonia tiveram por volta de 40 horas e 20 vezes 40 é 800, esse foi o tempo que gastei pra aprender mais sobre fazer filmes. No Cinesesc, em 2002, além das 40 horas, houve a oportunidade de trabalhar num set de filmagem por uma semana, dez horas todo dia, pra vivenciar a coisa. Eu batia a claquete, a prancheta de madeira com uma régua em cima pra se bater e produzir o som, “claquete”, marcando o início das cenas, para uni-las depois.

“Escuta, o choro nasce do estômago, aperta ele, depois os pulmões, aí você vai ficar sem ar. Por instinto, você abre a boca por conta da falta de ar, e aperta os olhos pra ver se você entende o porquê, pra remoer as horas boas, os desentendimentos, pra ressentir o cheiro e a voz de quem foi”. Eu tive vontade de dizer isso pro Gustavo, enquanto ele de cabeça baixa tentava encenar o choro

do personagem Rodrigo que havia perdido a amada Paula, mas o diretor de fotografia me mandou sair de perto dele, e quem era eu pra contestar, eu só fazia bater claquete naquele filme. O diretor mandou todos pra fora do set, estávamos num parque, passarinhos cantavam, passava um avião e o cara da captação de som ficava puto. Indignado depois de três dias claquetando e dormindo tarde, mas feliz e como que meio realizado, eu fechei os olhos e tentei chorar, pensei nalguns mortos da minha vida e... meia hora depois me sacudiam: "para de roncar, cara, que o ator finalmente chora".

Já ia pra três anos de Letras na USP, e ligando pra casa, a Gilda foi quem passou o inesperado. "Você precisa arrumar os documentos, você passou no concurso do TRT", disse. "Gilda, eu conferi os gabaritos, não passei nada". "Passou, você precisa ir lá o mais rápido possível". A questão de matemática que faltava tinha sido anulada. CPF, RG, certificado de reservista, comprovante de escolaridade, Título de Eleitor, atestado de antecedentes criminais, atestado de saúde do SUS e fotos 3 x 4 de paletó, terno e gravata do peito pra cima e bermuda e chi-

nelo da cintura pra baixo. Entregar tudo em dois dias na Secretaria de Pessoal, nono andar do Egrégio Tribunal Regional do Trabalho na Avenida Antônia de Queirós, centro, São Paulo.

"Tá aqui", eu disse. Uma moça de paletó e saia, cabelo esticado, me fez esperar, depois pegou tudo e anotou coisas. "Agora, por favor, o senhor desça até o sexto andar desse prédio e entrega suas fotos e estes documentos no Setor de Providência e Vacância". Desci pela escada de incêndio, e, no sexto, outra moça recolheu digitais, colou as fotos e pediu assinaturas. "Agora vá ao décimo, Setor de Previdência e Segurança Social, e entrega estes papéis". Fui ao elevador que falava, "pin, décimo andar", um senhor e uma moça pegaram idade dos pais e perguntaram sobre planos de saúde. "Agora vá até a rua da Consolação, 1.500, e se dirija ao quinto andar, Setor de Certidões, Arquivo e Traslados em Geral, onde o seu cargo de Técnico Judiciário será lotado".

Na entrada do prédio da Consolação, garboso com vidro cinza dos pés ao vigésimo andar, e pedras de ardósia brilhante por dentro, os guardas me pediram que ti-

rasse o boné, ficaram com o RG e eu subi no elevador dos funcionários, ao lado do exclusivo para juízes. No setor de certidões, atrás do balcão onde alguém atendia uma fila de vinte ou trinta advogados, fui apresentado pra uns dez funcionários, entre homens e mulheres, compenetrados em seus afazeres, pilhas de processos trabalhistas encadernados em cima da mesa. E a chefe do setor, Simone, moça de Fortaleza, com cabelo encaracolado, saia e paletó, fechou, olhando o relógio: "são quinze horas, vá ao setor médico, no terceiro andar, mas volte, porque nós ficamos até as dezenove". Fui ao terceiro pela escada de incêndio, bufando do desce e sobe, mediram a pressão, tiraram meu sangue e preenchi o plano de saúde. De volta ao quinto, a Simone me passou a função: "numere este processo, da folha um até o final, e assine todas com uma rubrica no pé da folha, logo logo fica pronto seu carimbo". Primeiro salário: mil e seiscentos reais.

O Jairo veio morar comigo na USP, fez curso de violão clássico e entrou no supletivo, estava na sexta série e vendia brincos e colares de frente ao restaurante universi-

tário, conheceu estudantes e viu as mesmas coisas que eu, filmes, peças de teatro e leu livros, e todo mês mandávamos a pensão pra Kate, filha nossa em Minas.

Dividíamos o quarto e percebi que durante as noites, enquanto dormia, meu irmão soltava gritos atormentados e confusos de se entender, tal e qual os do pai.

De novo na USP, dez da manhã, eu de terno e gravata atrasado pra marcar o ponto das 11 no Tribunal, avisto o Praça da Sé, 8411, de longe, e atravesso correndo as vias de mão dupla. Veio uma policial numa moto. "Espera". Atrás dela me fecharam mais três policiais, um de moto, dois num carro. "Roubaram mil reais no DCE e você tem a descrição da pessoa que suspeitam ter roubado". Dessa vez eu não estava na Rua do Matão e desafiei. "Qual a descrição? Lábios grossos? Nariz chato? Meu amigo, já percebeu que essa descrição parece com você?" Ia embora, a moça impediu: "você é estudante?" Tirei os documentos do bolso e junto com eles quase que o dadinho veio junto. "Carteirinha USP, RG e crachá do Tribunal. Sou Técnico do Judiciário, preciso ir, já vou atrasado". Sentado no próximo

ônibus, fiquei pensando o que aconteceria se não eu fosse da USP e ainda estivesse desempregado. E que mau acaso era aquele? Ou seria tolice pra boi dormir? Os estudantes, dirigentes do DCE, deixarem mil reais assim? Ao dará de Deus?

No Tribunal, o meu trabalho era estranho como contar rodas de carros, ainda que eu tivesse melhorado de função. Era o responsável pelas publicações no Diário Oficial, algo entre quinhentos processos por semana (alguns com cinco volumes pra serem conferidas suas petições, os pagamentos das taxas e outras coisas) e um número digitado errado talvez acarretasse na não intimação das partes e na conseqüente reclamação dos advogados na diretoria do sétimo andar, que reclamariam pra minha chefe, no quinto, e ela talvez mudasse meu trabalho de novo pra numeração de uns 100 processos por dia, assim: página 1, minha rubrica de fé, e abaixo meu carimbo, cada processo com 200 páginas por volume (havia alguns com 15 volumes). E deixei, deixei sem dó o Tribunal, seguindo aquele plano de vida que na verdade é uma obsessão: fazer cinema.

O filme

Possuía geladeira, guarda-roupa, um computador, máquina fotográfica e uma estante cheia de livros igual a do Fulano de Tal, e tinha também uma poupança, pra me segurar enquanto eu tentava fazer o tal filme. Era a época em que o Jairo concluiu a oitava série e voltava pra Minas, pra terminar o colegial em Santana do Jacaré. E o Ministério da Cultura abria um concurso com objetivo de democratizar o cinema em outras regiões que não Rio e São Paulo, exclusivamente para que cidades com menos de vinte mil habitantes produzissem filmes. Dava o curso pra quem fosse selecionado e apoio técnico. Mundo estranho: saía de Minas pra aprender cinema em São Paulo e depois de 12 anos surge em Minas uma oportunidade pra se fazer filmes. O Jairo lá, escrevemos juntos a história, de duas páginas. Foram setecentos candidatos do Brasil inteiro, ficamos entre os quarenta selecionados. O Jairo foi e fez o curso.

É um filme-documentário de nome *Daqui nóis não arreda o pé* e conta a história real das dinhas Tonha e Aparecida, as irmãs do meu pai. E a história escrita vai embaixo:

Se não fosse o padre José Júlio, o abaixo-assinado inventado pelo primo da minha mãe, o Lineu Galdino, teria sido levado pro Fórum de Campo Belo, pedindo pro Juiz a expulsão, da cidadezinha de Santana do Jacaré, das minhas tias por parte de pai, a Dinha Tonha e a Dinha Aparecida. Mas o padre, que hoje mora em Belo Horizonte, descobriu que o primo estava trocando as assinaturas por pinga, no balcão do bar dele.

Antônia Teixeira e Aparecida Teixeira são mulheres sem leitura e sem casamento, que na casa dos sessenta anos capinam e apanham café, igualzinho dois homens. E, de tardezinha, sempre com os pés no chão, voltam pra casa e cuidam de suas plantas. Quem vê a horta delas fica abismado. Por isso que o padre José Júlio falou, na missa, que duas mulheres que trabalham como elas, e ainda plantam roseiras, não podem ser criminosas.

Dinha Tonha e Dinha Aparecida sempre oferecem um café pras visitas delas e depois

mostram, com orgulho, os pés de couve, as alfavacas, as piteiras, as roseiras, os jilós e os pepinos, o tempo todo rindo depois de cada duas palavras que elas falam. Mas, na rua, se você puser reparo, vai ver que uma delas anda carregando uma pedra na mão. E, se você mexer com elas, com certeza, vai levar uma pedrada.

Pelo fato de andarem sempre juntas, as crianças da cidade as apelidaram de "Irmãs Freitas". A meninada mexe e sai correndo, e elas correm atrás, xingando e jogando pedras. Um dia, enfezadas com isso, elas pararam de frente à escola e começaram a jogar pedras a torto e a direito. Então, a amolação das crianças fez com que elas parassem de dançar nas folias de reis, de passear nos domingos e de freqüentar a igreja. O que fez com que o padre José Júlio conversasse com o sargento, que, por sua vez, foi até a escola pedir pra molecada deixar as duas em paz.

Mas a rixa com o Lineu Galdino é muito pior, porque eles são vizinhos. Dizem que tudo começou quando ele, que é evangélico, fez um convite pra elas mudarem de igreja, e elas não aceitaram. Daí veio a implicância dos dois lados. Se o Luciano, filho dele, deixava

uma bola cair na horta delas, nunca mais via a bola. Se elas ligassem a televisão pra assistirem a missa, eles gritavam e faziam gestos obscenos do outro lado. Uma vizinha falou que já viu o Lineu embolando uma casca de banana e jogando no quintal das dinhas.

O problema é que essa briga foi parar na Justiça, já contabilizando seis queixas do Lineu e duas da parte delas. Na primeira audiência, no Fórum de Campo Belo, por motivo de uma briga em que o Celso, filho homem mais velho do primo, acabou batendo nelas, Dinha Tonha e Dinha Aparecida, sem conseguirem segurar a língua e sem um advogado de defesa, foram condenadas a doar cestas básicas pro asilo da Vila Vicentina de Santana, durante quatro meses. Revoltadas com a condenação, falaram pra juíza: "então manda matar de uma vez".

Na segunda audiência, Cleide, filha mais velha do Lineu, chegou ao Fórum com um saco cheio de pedras, que juntou como prova das vezes que elas lhe apedrejaram. E dizia que as dinhas a tinham feito abortar um filho. O padre José Júlio veio de Belo Horizonte pra servir de testemunha e arrumou até uma assistente social pra acompanhar o

caso. O advogado do Lineu, Everson Silva, alegou que elas precisavam de exames médicos pra, talvez, serem mandadas pra um manicômio. Mas o caso é que elas, Dinha Tonha e Dinha Aparecida, não compareceram. Meu pai procurou, procurou, e, não achando, voltou pra casa, bêbado. Depois descobrimos que as duas irmãs tinham se escondido no mato. Resultado: por estarem brincando com a Justiça, foram condenadas a capinar, de graça, durante dois meses, a Vila Vicentina.

Minha mãe, Dona Preta, conta que elas foram criadas na Fazenda Serra Bonita, do Milico Cambraia, sem muito contato com outras pessoas, e quando mudaram pra Santana, já sem os pais, não se adaptaram. Por sua vez, meu pai, o Jair do Vitor, diz que, apesar delas já estarem velhas, continuam sendo duas meninas.

Porém, da última vez que visitei a casinha delas, enquanto preparavam o café doce no fogão de lenha, elas riam e contavam que, quando moravam na roça, cozinhavam em latas, e que o fazendeiro era muito ruim. Então, o que eu vi foi muito orgulho de cada panela que elas compraram com o dinheiro das

tarefas nas roças. E elas mostraram fotos e disseram que nunca mais iriam assinar folha nenhuma, desde que o Fórum pediu pra elas assinarem aquela folha. Um homem da igreja falou que iria arrumar a aposentadoria pra elas e deixou uma folha pra ser assinada. A Dinha Aparecida disse que "deu uma de doida", e, de madrugada, antes de sair pra roça, jogou a folha no alpendre do homem.

Um tio meu, de Igarapé, quis levar a Dinha Tonha pra casa dele e combinou com outro tio, de Santo Antônio do Amparo, pra levar a Dinha Aparecida pra lá. Mas elas me contaram que de lá elas não saem... "nem juntas, nem separadas". E a última foi que um fazendeiro fez uma proposta para elas irem tomar conta da fazenda dele, e elas me confessaram: "isso deve ser coisa desse aí de frente... e pode dar até em morte, mas nóis não assina nada, e daqui nóis não arreda o pé".

Nessa minha última visita, eu disse a elas que queria muito fazer um filme da vida delas. A Dinha Aparecida gostou e, rindo, perguntou: "vai passar na televisão?" A Dinha Tonha só ria. Daí, quando eu estava indo embora, perguntei: "a senhora consente,

Dinha Tonha?" Ela riu e falou: "pode, uai. Vai ficar bonito".

Ficou bonito. As gravações envolveram a cidade, entrevistas nas casas, na praça. "Mas porque um filme das Irmãs Freitas?" Um menino falou: "elas são bobas e dão confiança pra gente, por isso que nóis mexe com elas". Uma equipe de televisão filmou nossa equipe filmando e entrevistaram também as dinhas. Hoje, a dinha Tonha está aposentada, as brigas diminuíram e tem criança que pede pra tirar foto com elas. O filme viajou pelas cidades do Rio de Janeiro, Tiradentes, Salvador e o Brasil afora.

Formei ano passado, aos 32: Letras, habilitação em português. Meu pai tá aposentado, minha mãe tá quase. Tenho muitos sobrinhos e tenho lecionado. Vou fazer mais filmes, mas antes estou atrás de, como que se diz? Uma cuia pra juntar com a minha.

Quando você começou a gostar de ler?

RINALDO – Minha mãe só estudou até a quarta série, mas gosta muito de ler. Comecei a ler aos oito anos, por influência dela. Primeiro, incentivou os filhos comprando livros dos vendedores que passavam nas ruas, depois passou a trabalhar em escolas e pegava livros nas bibliotecas e levava pra gente.

Quais livros marcaram a sua infância e adolescência?

RINALDO – Lembro bem das histórias do Pedro Malazarte e de *Capitães da Areia*, do Jorge Amado. Também gostava de *João e o Pé de Feijão* e das histórias que vinham nos discos que as professoras colocavam para a gente.

Como você começou a escrever?

RINALDO – Minha irmã se mudou com o marido pra capital, Belo Horizonte e aí virou febre lá em casa escrever cartas para ela, para matar a saudade. Peguei gosto e escrevia para muita gente. Também gostava de registrar, de noite, o que acontecia comigo durante o

dia, como um balanço dos acontecimentos, mas não mostrava a ninguém.

Como nascem suas histórias e seus personagens?

Rinaldo – Às vezes, lembro de alguma história de infância ou acontecimento engraçado que tenha me marcado. Conto essa história para várias pessoas e se elas rirem ou quiserem saber mais detalhes é porque ela funciona. Então eu coloco no papel uma frase ou um nome, para não me esquecer depois. Quando essas histórias voltam na minha cabeça, como se pedissem para serem escritas, tomo coragem e passo a desenvolvê-las.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

Rinaldo – A leitura traz mais valor para o meu dia. Quando eu leio um romance ou um conto que desenhe o mundo com belas palavras, meu dia passa a valer mais a pena. Tem vez que estou triste, desanimado, mas depois que leio meu humor se transforma, fico mais confiante.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

Rinaldo – Fotografar e desenhar situações simples do dia-a-dia ou de sentar para escutar os causos dos mais velhos.

Leitura e cidadania

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

Mais informações sobre esta obra

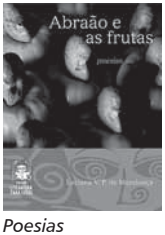
A história de *Léo, o pardo* ganhou oito ilustrações que procuram transmitir a idéia do sonho vivido pelo personagem. O traço nervoso e irregular de João Rafael foi inspirado no sofrimento, nas conquistas e no esforço narrados no livro.

A técnica nanquim sobre papel retrata cenas fortes e marcantes da biografia. Foram selecionados trechos que mostram os momentos íntimos, com poder de transformação e mudança.

A imagem da tradicional e numerosa família mineira ganhou contornos dramáticos. As dificuldades da vida de costureira da matriarca, os desafios na cidade grande e os conselhos dos mais velhos ganham uma perspectiva diferente, na qual os personagens são retratados em primeiro plano, como se quisessem conversar com o leitor.

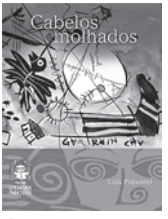
As dúvidas tão comuns na adolescência têm uma abordagem lírica, assim como a religiosidade singela do anjo quebrado, presente em momentos cruciais da obra.

Outros livros desta coleção



Poesias

Tradição oral



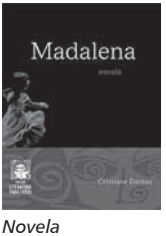
Contos

Poesias

Contos

Poesias

Teatro



Novela

Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenadora de produção
Cristina Guimarães
cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa
Ribamar Fonseca
ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão
Alessandro Mendes e Iara Vidal
alessandro@azimutecomunicacao.com.br
iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações
J. Rafael
joorafael@yahoo.com.br

Editoração eletrônica
Fernando Alves
fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção
Adriana Mattos
adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m^2 e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m^2. A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19. As notas explicativas laterais foram retiradas dos dicionários da língua portuguesa Houaiss e Aurélio e informações dos autores.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

Da parte que me toca, a minha primeira paixão tinha sido a Elisa, menina negra linda de cabelo solto ou trança, que trabalhava na casa da diretora da escola, a Dona Sirlene. (...) Certo dia, a Elisa me encantou: "quero te dar um beijo de novela das oito". "Como que é isso?" "Eu coloco a minha língua perto do céu da sua boca, e você com a sua tenta desviar, se enrosca e tenta encontrar o céu da minha". E a gente ficou nessa.

Ministério da Educação

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

ISBN 85-296-0048-7

LITERATURA PARA TODOS